

A L F A
B E T O S

A História da
Caligrafia, da
Tipografia e da
produção de
letras. Contada
e ilustrada por
Paulo Heitlinger
em 2021.
tipografos.net

ALFABETOS

**A História da Caligrafia,
da Tipografia e da produção
de letras. Contada e ilustrada
por Paulo Heitlinger em 2021.
tipografos.net**

Autor e paginação: Paulo Heitlinger.

Copyright 2011 - 2021 by Paulo Heitlinger.

Uma publicação da série e-books da tipografos.net.

**Todos os direitos reservados para a língua portuguesa
e para todas as outras línguas.**

**Este exemplar pessoal não pode ser vendido ou oferecido
a outras pessoas que o proprietário deste exemplar.**

Venda do formato e-book: termos e condições

Este livro é vendido por Paulo Heitlinger em forma de exemplar personalizado, que identifica digitalmente o seu proprietário.

O livro/PDF pode ser impresso pelo proprietário e partes escolhidas também poderão ser projectado em sala de aula, se for esclarecida qual a origem deste documento e o seu autor.

O proprietário deste exemplar também poderá copiar curtos trechos de texto, para simplificar o processo de citações. Contudo, o exemplar comprado não poderá ser transferido a outras pessoas!

A «transferência» deste exemplar a outra pessoa que não o seu comprador é facilmente detectável e servirá para o autor optar imediatamente pelos procedimentos jurídicos que considere necessários, para salvaguardar os seus interesses comerciais e os seus direitos de autor.

Temas

Intro	2
Bem-vindo!	8
Prólogo.....	10
A pedra que tudo explicou.....	11
O Fenício, primeiro alfabeto fonético.....	14
A Escrita do Sudoeste Peninsular	20
As primeiras escritas fonéticas em território português e espanhol	23
Letras sefarditas, I.....	42
Árabe	49
Letras árabes.....	50
Lápide dupla de Évora	51
Roma.....	62
A primeira letra global	63
As formas das letras romanas	68
Os glifos romanos	72
Composição de texto.....	83
Os suportes.....	86
Do barro ao chumbo	87
Letras de vidro	92
Poder e status.....	96
Gravar a pedra	102
Os lapicidas	103

Epígrafes.....	105
Capitalis Monumentalis.....	106
Miliários	133
Capitalis geométrica	136
Capitalis condensada	148
Rustica lapidar.....	167
Letras sem-serifa romanas.....	184
Letras pintadas a pincel.....	187
Letras ornamentadas	195
Letras pixelizadas	199
A Cursiva romana	206
Quadrata librária	213
Rustica librária	220
Decadência.....	225
Letras tardo-romanas	227
Versais orientais.....	231
Romanas Visigóticas	233
Os Visigodos em terras hispânicas.....	235
Evolução da versal visigótica	237
Escrita visigótica librária.....	252
Unciais, as redondas.....	260
A fase arcaica	261
Codex Sinaiticus	265
A segunda vida da Uncialis	274
Unciais em pedra	280
Versais insulares.....	290

A primeira Renascença	297
A Escrita Carolina.....	301
A Carolina na Península Ibérica	304
Letras no princípio de Portugal	308
Códices, actas, cartas	310
O scriptorium monástico	312
Os tabeliões medievais	317
Góticas	319
Da Itália: a Beneventana	322
Gótica de Bolonha (1300-1400)	323
Textura manuscrita	325
Góticas na Península Ibérica.....	327
A «Gótico-quadrada», epigráfica	328
Letras góticas manuelinas	363
A chancelaria régia	368
Gótica Rotunda, manuscrita	378
Fraktur	385
A Fraktur histórica.....	387
O cisma tipográfico.....	391
Deutsche Schrift, a escrita alemã	393
Albrecht Dürer, co-autor da Fraktur	394
Modisten, os expoentes da caligrafia alemã	397
O delírio da ornamentação maneirista	400
A Fraktur americana	405
Rudolf Koch e os irmãos Klingspor	409
A Fraktur de Hitler.....	415

Jornais conservadores	418
Góticas romanizadas, e outros híbridos.....	423
Behrens-Schrift	424
A Fraktur geométrica	427
Romanas Humanistas	430
A Segunda Renascença.....	432
Romanas humanistas em Portugal	449
Gutenberg.....	462
Tipografia mecânica	463
Do manuscrito ao impresso.....	465
Punção, matriz, fundição, caracteres	467
B-42: o primeiro livro produzido em série	471
O Homem do Milénio	473
Tipos móveis	474
O valor dos tipos!	475
Manufactura de tipos	476
O puncionista	478
A puncionista Nelly Gable.....	479
Matrizes.....	483
Tipómetros e outros instrumentos	491
Paicas e pontos.....	493
A composição manual.....	495
Ligaduras.....	512
Oficinas.....	524
A célere expansão da Prototipografia	525
Disseminação pela Europa	529
Identificação dos tipos metálicos	530

Caligrafia e Tipografia sefardita 532

Manuscritos hebraicos na Península Ibérica	533
Bíblia de Cervera	537
Prototipógrafos judeus em Portugal.....	553
Uma oficina tipográfica em Amsterdão	561

Prototipografia em Portugal 563

Manuel I., venturoso merceeiro.....	564
Valentim Fernandes	565
Germão Galharde, na senda de Fernandes	569
António Gonçalves	573
António de Mariz, em Coimbra.....	574

As oficinas tipográficas mais famosas 576

Os ex-sócios de Gutenberg	577
A quebra do sigilo	578
Anton Koberger, em Nuremberga	580
William Caxton, Inglaterra	584
Erhard Ratdolt, Veneza e Augsburg	586
Nicolas Jenson	591
Aldus Manutius e Francesco Griffo.....	594
A Idade de Ouro da Tipografia de França	599
Le Bé I.....	601
Antoine Augereau, a primeira vítima da Censura.....	603
Geoffroy Tory	605
Claude Garamond	609
Jacques Sabon	614
Simon de Colines	616
Robert Granjon e as Civilités	619
Robert Estienne, teólogo impressor	621

François Guyot	626
A Censura	628
A greve dos griffarins em Lyon.....	630
Evolução na Holanda e Flandres.....	633
Nicolaes Biestkens	640
Os Elzevier em Leyden e Amsterdam	642
A dinastia Enschedé de Haarlem	643
Johann Michael Fleischmann	644
Os holandeses portugueses	645
Os Deslandes	647
A Real Imprensa de Paris, 1640	648
A Inglaterra lidera.....	654
Mechanik Exercises, de Moxon.....	655
Caslon, puncionista britânico	657
John Baskerville of Birmingham	660
O Manuel Typographique de Fournier	663
Les Didot	667
Tipografia espanhola	673
Josep Pradell, em Barcelona	675
Bodoni, em Parma	679
A British Letter Foundry de Bell.....	686
Vincent Figgins.....	688
J.E. Walbaum: Fraktur e Romanas.....	690
Breitkopf: partituras famosas	692
Benjamin Franklin, editor e tipógrafo	694
A American Type Founders Company	696
Máquinas de fundição de tipos	701
A Kelmscott Press de William Morris	702
Theodore Low DeVinne	708
Goudy, o excêntrico	710

Schriftgießerei Gebr. Klingspor	714
Berthold Schriftgießerei, Berlin.....	717
Portugal e Brasil	719
Fundição de tipos em Portugal	720
O primeiro impressor no Brasil e o despotismo joanino.	726
Impressão Régia no Brasil	730
Impressão	733
O prelo de madeira.....	734
Albion e Columbia.....	737
O prelo de Lord Stanhope, 1795.....	740
Washington Press, 1821	744
A Estereotipia, 1727	747
Impressoras industriais.....	750
As impressoras de König, 1811	751
As rotativas	753
As minervas	755
Plano a plano	758
Imprimir madeira	761
Hippolyte Marinoni!	764
Litografia	770
Revolução a cores.....	771
Alois Senefelder	774
Jules Chéret	785
Toulouse-Lautrec	787
Cassandre	788
A primeira etapa da Litografia em Portugal, 1823.....	789
Rafael Bordallo Pinheiro, mestre da «Lythographia»... ..	795
Offset.....	798
Gravura	801
Gravura com madeira	802
Gravura com metal	805
Água-forte	808
Serigrafia	811
Fototipia	813
Fototipia a cores.....	819
Fotogravura, Autotipia	821
Máquinas de escrever	822
Mecanografar e dactilografar	823
Letras monoespaçadas	832
Os mimeógrafos.....	836
Composição mecânica	838
A Typograph de Rogers.....	839
A Linotype de Mergenthaler.....	840
A Monotype de Tolbert Lanston.....	857
Fotocomposição	866
Analógica e digital	868
Diatype e Diatronic.....	872
Desktop Publishing	875
Adobe, os produtos	876
Wayfinding	879
Uma introdução nostálgica	880
Londres, por exemplo	883
O mapa do Tube.....	884
Legible London.....	886

Pictogramas.....	889
Metro de Bilbao com a fonte Rotis.....	893
A Metrolis em Lisboa	896
Quebrar dogmas: a Capitolium de Unger	898
Estilos de letra	900
Famílias tipográficas?	901
Gótica Rotunda	903
A Fraktur histórica.....	905
Venezianas.....	907
Garaldes	908
Transição.....	909
As Didones	910
As sem-serifas modernas.....	913
A Futura	915
A célebre Gill Sans	916
As Egyptians	918
Letras de madeira.....	919
Italiennes.....	920
As Modernas.....	921
As Scripts.....	922
Arte Nova	923
Art-Déco glamour	928
Caligrafias no estilo Art-Déco	939
As Latinas	944
Brush, a letra pincelada.....	945
Lettering comercial.....	946
Caligráficas do século 21.....	947
alfabetos elementares.....	949
Clás de fontes.....	953

Bibliografias

Livros sobre Tipografia, publicados em português	958
Bibliografia geral	965

Índice remissivo

Índice remissivo.....	973
O autor Paulo Heitlinger	985

Bem-vindo!

Quando se tornou claro que o meu livro *Alfabetos* não iria ser vendido fora de Portugal, quis dar melhor divulgação e continuação a esta publicação. A solução foi divulgá-la em formato digital. Mas actualizada, e mais abrangente.

Senti a necessidade de alargar o âmbito do livro, para poder integrar seis anos de investigação em muitos domínios. Além disso, as experiências feitas no Typeface Design e no meio universitário reforçavam a ideia que o livro deveria de ser alargado, para conter a abrangência de temas que o título sugere. Deste modo, esta edição digital contém os melhores textos do livro *Tipografia* e do livro *Alfabetos*, assim com vários artigos publicados nos *Cadernos*.

O novo formato, DIN A4 ao largo, leva uma representação gráfica adequada à leitura *on-screen*, e tira proveito dos mecanismo de navegação do formato PDF. Dei muita atenção ao facto de que cada vez mais documentação está acessível pela Internet. O leitor encontrará dezenas de *links* que lhe facilitarão o acesso a extraordinários sites.

A Tipografia demorou 550 anos a evoluir – regista-se para 1455 o primeiro livro impresso com tipos móveis de metal – mas hoje assistimos a uma grande mudança: cada vez mais o impresso é substituído pelo livro digital.

Convenções e modos de escrever

Os termos tipográficos portugueses foram frequentemente completados com os respectivos termos ingleses e alemães, tornando esta publicação (também) num glossário ilustrado.

Os termos já bem conhecidos pela maioria dos leitores deste livro, que ocorrem constantemente no universo das letras, do desenho de fontes digitais e do Design editorial, não foram assinalados com itálicas: font, type, typeface, designer, graphic design, layout, display, print, download, newsletter, online, software, web-site, etc.

Expressões menos comuns, por exemplo, *on screen* ou *autohinting*, essas sim vão assinaladas com itálicas.

Para mais fácil identificação, as épocas, as escolas, os movimentos culturais e artísticos, as correntes ideológicas e também todos os «ismos» foram escritos com letra maiúscula no princípio das palavras: Art-Déco, Arte Nova, Art Nouveau, Barroco, Calvinismo, Construtivismo, Dadaísmo, Estilo Internacional, Escola Suíça, Humanismo, Idade Média, Idealismo, Império Romano, Funcionalismo, Renascença, Romantismo, Maneirismo,

Como usar este e-book

Este documento digital proporciona um elevado grau de interactividade. O Índice de Temas permite saltar directamente para a página assinalada. O Índice Remissivo, no fim do livro, também. Um clique em «Temas» leva o leitor de volta à página 3. Clique em «Índice Remissivo» para saltar até lá. Os links internos – as referências cruzadas – também são interactivos. Os hyperlinks exteriores (URLs) activam o seu browser e abrem a página web em questão.

Boa navegação!

Marxismo, Modernismo, Neo-Classicismo, Protestantismo, Rocóco, Surrealismo, Verismo, etc.

As únicas exceções são aquelas doutrinas ou instituições que optaram conscientemente por uma grafia só com minúsculas: *neue typographie*, *hfg* (abreviatura para *hochschule für gestaltung*, uma famosa escola em Ulm).

Também as disciplinas do saber mereceram sempre letra maiúscula: Matemática, Arquitectura, Geometria, Ciências Naturais, Física, etc. De igual modo se assinalam os processos de produção e as tecnologias descritas neste livro, por exemplo: Banda Desenhada, Branding, Caligrafia, Composição, Cromolitografia, Design, Estereotipia, Fotocomposição, Fotografia, Fotomontagem, Ilustração, Imprensa, Infografia, Linótipia, Marketing, Publicidade, Tipografia, etc.

Seguindo a mesma linha, optei por grafar todos os nomes de letras, fontes, sistemas de escrita, caracteres tipográficos (assim como todos os nomes de estilos de letra), com letra maiúscula no princípio das palavras: Antiqua, Blackletter, Bastarda, Capitalis Monumentalis, Carolina, Chanceleresca, Civilité, Didone, Egípcia, Escrita Direita, Escrita Vertical, Fraktur, Garalde, Gótica, Gótica Rotunda, Grotasca, Itálica, Kurrent, Latine, Letra Inglesa, Letra Francesa, Moderna, Minúscula, Romana, Scotch, Sem-serifa, Serifa-grossa, Script, Transicional, etc.



Esta forma de grafar simplificará a identificação dos temas deste livro, assim como estará em sintonia, sempre que possível, com designações semelhantes, usadas noutras línguas: Transicionais (*Transitionals*), Sem-serifas (*sans-serif*, inglês, *seriflos*, alemão). Também foi considerado importante que esta terminologia não esteja em contradição com as designações usadas em centenas de websites, devotados ao Typeface Design comercial.

Resta-me expressar um sincero «Muito obrigado!» aos amigos que me ajudaram a dar melhores conteúdos às seguintes páginas: Peter Karow, Birgit Wegemann, Jorge Silva, José Gameiro, Isabel Medeiros, Dino dos Santos, Miguel Sousa, M.M. Malaquias, Nick Shinn, Mark Jamra e o já falecido Kurt Weidemann.

Janeiro de 2021

Paulo Heilinger

Prólogo

Glifos de crua beleza. Escrita do Sudoeste. Museu Arqueológico Provincial de Badajóz.

A pedra que tudo explicou

A Escrita hieroglífica egípcia, usada na primeira banda da pedra gravada mostrada ao lado, ocupa uma posição singular na evolução das escritas ideográficas em transição para os alfabetos. A Escrita hieroglífica também dispunha duma variante de escrita rápida, mais prática: a escrita hierática cursiva, utilizada nos textos religiosos sobre papiro. Mais tarde apareceu a *Escrita Demótica*, mais popular e muito divulgada; é esta forma de escrita que forma a parte central da famosa Pedra de Roseta.

No Egipto, por volta de 1,500 a.n.e., foi estabelecido um alfabeto fonético com 22 ou 23 glifos, representando letras consoantes; as vogais não eram registadas. Contudo, os Egípcios, mais interessados no aspecto mágico que no funcional da sua escrita, nunca substituíram os hieróglifos pelos glifos fonéticos que tinham desenvolvido e aperfeiçoado; preferiram usar uma escrita com forte redundância, que combinava aspectos alfabéticos e fonéticos com os hieróglifos.

A pedra com inscrições encontrada em Roseta (Raschid) mostra o mesmo conteúdo em três sistemas de escrita: Hieróglifos, Demótico e Grego. Jean-François Champollion decifrou as formas escritas egípcias comparando os três textos da Pedra de Roseta. Ilustração: Wallis Budge, *Books on Egypt and Chaldaea - Volume XVII, The Rosetta Stone*. Londres, 1904.

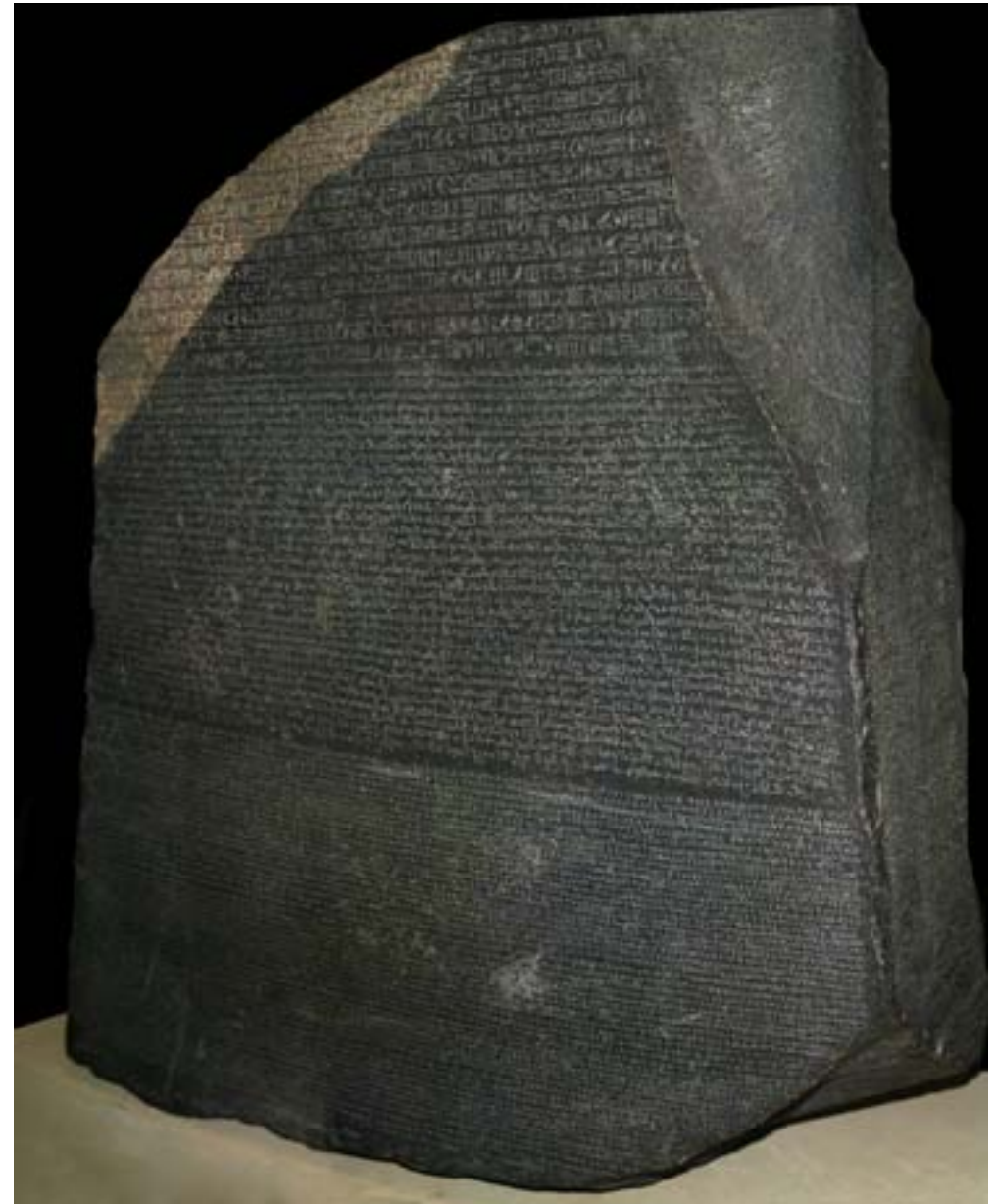


A Pedra de Roseta foi crucial para a compreensão dos hieróglifos egípcios. Exibida dentro dum templo, esta estela foi removida e acabou por ser usada como material na construção de um forte na cidade de Roseta (Rashid), no delta do Nilo. Foi descoberta aí em 1799 por um soldado da expedição francesa ao Egipto.

A Pedra de Roseta despertou logo enorme interesse, pois poderia conter uma tradução do idioma egípcio, até então por decifrar. As tropas britânicas derrotaram os Franceses no Egipto em 1801, e a Pedra passou para o Reino Unido. Transportada para Londres, está em exibição no Museu Britânico desde 1802, onde é o objecto mais visitado.

A primeira tradução completa do texto grego surgiu em 1803; a decifração dos textos egípcios foi anunciada por Jean-François Champollion em 1822. Os principais factores para esta decodificação foram a descoberta de que a Pedra oferecia três variantes do mesmo texto (1799); que o texto em *Demótico* utilizava caracteres fonéticos para os nomes estrangeiros (1802); que o texto em hieróglifos não só também o fazia, como tinha semelhanças profundas com o *Demótico* (Thomas Young, 1814); e que, além de serem utilizados para soletrar estes nomes, os caracteres fonéticos também eram utilizados para palavras nativas do Egípcio (Champollion, 1822–1824).

Esta estela - a Pedra de Roseta - regista um decreto promulgado em 196 a.n.E., na cidade de Memfis, em nome do rei Ptolomeu V, registado em três formas: o superior está na forma hieroglífica, o do meio em Demótico e o inferior em Grego.



Fenícios no Alentejo

O «Tesouro do Gaio», datável para o século VII a.n.E., é um conjunto de pequenas peças em ouro, prata, marfim e em materiais menos nobres. Foram encontradas em 1966 na Herdade do Gaio, próximo de Sines, e constituem uma das provas empíricas que os Fenícios/Púnicos frequentavam as costas do território hoje português.

Neste tesouro púnico de simbologia egípcia está figurada, nas arrecadas, a deusa Hathor (uma deusa muito venerada no Egipto ligada ao amor, ao erotismo, à fecundidade, à maternidade) e gravado em relevo, no sinete em marfim, o escaravelho de Tutmosis III, com o olho de Horus – deus-sol, que protegia o nascimento das crianças.

Trata-se de um conjunto de jóias de mulher. A partir das afinidades com o *Tesouro de Aliseda*, classifica-se o conjunto do Gaio na matriz tartéssico-púnica e estabelece-se o século VII como datação provável.

A impressão de luxo é dada pela quantidade das contas e pingentes e pela filigrana das arrecadas e da gargantilha de ouro (na foto), peças centrais do espólio.

O «Tesouro do Gaio» constitui um valioso testemunho arqueológico e patrimonial, característico do chamado «Período Orientalizante», um dos mais expressivos aspectos da I Idade do Ferro



no Sul de Portugal; considerando que este período se caracteriza pela presença de objectos típicos do comércio fenício, como os anforiscos e os colares de contas de pasta vítrea e de âmbar e as jóias em ouro, de que sobressaem as arrecadas e o colar de placas articuladas, que integram o mesmo «Tesouro do Gaio» temas aqui clara evidencia da presença fenícia/púnica na costa do Alentejo e, deste modo, uma bela introdução ao seguinte tema.

O Fenício, primeiro alfabeto fonético

O berço da maior parte das formas de escrita modernas foi, uns 3.500 anos atrás, o Próximo Oriente. Além da escrita hieroglífica egípcia, apareceram nesta zona a Escrita cuneiforme suméria e a primeira Escrita alfabética semita – ambas baseadas em ideogramas. Finalmente foram os Fenícios, povo semita de navegadores e comerciantes, que criaram o primeiro alfabeto, composto por 22 consoantes, e que se escrevia da direita para a esquerda. Era uma escrita consoantica, que associava a cada consoante uma vogal correspondente. Os diligentes Fenícios espalharam a sua escrita pela Grécia e pelo resto do Mediterrâneo.

Foram portanto os Fenícios os primeiros a escrever com um alfabeto. No próprio termo encontramos as duas primeiras consoantes fenícias: *alef* e *beth*. Por volta de 1000 a.n.e, os Fenícios, marinheiros e comerciantes com forte sentido prático, receberam a Escrita Proto-sinaítica e adoptaram-na gradualmente até formularem aquele que seria a base de todos os alfabetos usados actualmente no Ocidente e por todas (!) as línguas indo-europeias.



Das 22 letras fenícias derivaram importantes sistemas de escrita, como o Hebraico, o Grego, o Aramaico e o Latino. Também a Escrita do Sudoeste é um derivado directo do alfabeto fenício.

Os sistemas de escrita árabe e hebraico ainda conservam uma característica obtida do Fenício: escrevem-se da direita para a esquerda.

Inscrição bilingue, em latim (no topo) e púnico (em baixo). O latim lê-se da esquerda para a direita; o púnico, que é um derivado do fenício, da direita para a esquerda. O registo relata que o edifício foi pago e dedicado ao novo-rico local Annobal Rufus. Teatro romano de Lepcis Magna, Líbia. Foto: Sebastià Giralt.

As letras fenícias são descendentes directas do sistema proto-sinaítico. A palavra *sinaítico* é um adjetivo que significa *relativo ao monte Sinai*; contudo, o Proto-sinaítico não é semelhante ao Sinaítico. Até ao século XVIII a.n.e., a Península do Sinai esteve sob o domínio egípcio e o seus habitantes semitas tomaram um certo número de signos hieroglíficos para anotarem a sua língua.

Assim como o Proto-sinaítico, também o Fenício é um alfabeto fonético de consoantes, um *abjad*. (Um *abjad* é um sistema alfabético contendo um glifo por consoante; as vogais foram omitidas nesta fase arcaica dos sistemas de escrita fonética.)

A maior diferença entre o Proto-sinaítico e o Fenício é de natureza gráfica. As formas dos glifos fenícios são nitidamente mais abstractas e lineares, quando as comparamos com os signos mais pictográficos do Proto-Sinaítico.

Fenícia foi o nome que os Gregos deram, no primeiro milénio a.n.e., à franja costeira do actual Líbano e Norte de Israel, desde a região de Trípoli, no norte, até Akko (Acre), no sul. Os diligentes Fenícios tinham reconhecido a superioridade de um alfabeto fonético sobre os complexos sistemas de escrita baseados em pictogramas. E preferiram não aderir aos sistemas de escrita cuneiformes.

O alfabeto fenício foi decifrado em 1758, pelo abade francês Barthélémy d'Andlau (1447 – 1476), um letrado do Século das Luzes, que se apoiou em textos bilíngues (inscri-



Moeda com inscrições gregas e fenícias.



Doas estatuetas de argila, uma deusa grávida e um cavaleiro montando um cavalo alado, interessantes testemunhos do sincretismo na cultura fenícia, fotografados por J.P. Dalbéra, do Musée des Civilisations de l'Europe et de la Méditerranée <http://www.mucem.eu>

ções greco-fenícias da Ilha de Malta), assim como nas legendas de moedas de Tiro. Primeiro identificou nomes próprios (Tiro, Melqart, etc.), a seguir identificou palavras simples, e finalmente fez a comparação com as versões gregas. A maior dificuldade no decifrar residia na falta de textos longos, já que os textos conhecidos se reduziam a dedicatórias aos deuses e textos em monumentos funerários.

Pouco a pouco, os arqueólogos desenterraram manifestações do mesmo alfabeto ao longo das rotas das expedições marítimas, nos empórios e colónias fenícias fundados no Mediterrâneo.

A expansão comercial e cultural fenícia pelo mundo da Antiguidade foi o principal motor de propagação do alfabeto que foi o «pai» de dúzias de outros alfabetos. O comércio com os Fenícios levou à introdução da *Escrita do Sudoeste* no território hoje português e espanhol.

O motivo que animou os Fenícios a utilizar um alfabeto fonético foi o aspecto prático e utilitário. Os produtores de bens e os comerciantes terão achado este sistema de escrita apropriado para fazer registos, relatórios e contas.

Um alfabeto simples, com poucos glifos, mas extremamente funcional, pois servia para anotar eficientemente os fonemas de diferentes idiomas.

Para nós, o alfabeto fenício é o mais importante tronco na árvore genealógica dos alfabetos. O alfabeto árabe, o hebraico, o grego e o romano, todos têm um ascendente comum: o alfabeto fenício.



Inscrições em rochas na Península do Sinai.

«Desde as idades mais remotas, diversos sistemas de registo do pensamento, abstractos ou figurativos, antecederam aquilo que chamamos <Escrita>.

A invenção do sistema alfabético pelos povos do Médio-Oriente, cerca de 1200 anos a.C., foi uma etapa decisiva na história da Humanidade. Ao decompor a linguagem falada num determinado número de símbolos fonéticos (ou letras), o alfabeto permitiu que se registassem com uma mesma escrita todas as línguas daquela região, estabelecendo assim vínculos muito fortes de comunicação entre os povos.

O alfabeto pode ser considerado o primeiro acto de um certo humanismo mediterrâneo, nascimento e fundamento da nossa cultura e das nossas sociedades modernas.» *Ladislav Mandel, 1998.*

Deste modo, não admira que o primeiro alfabeto usado em território português (*Escrita do Sudoeste*) também seja um derivado directo do sistema de escrita dos Fenícios, visitantes assíduos das costas marítimas da Península Ibérica, onde estabeleceram empórios para fazerem comércio com as populações locais.

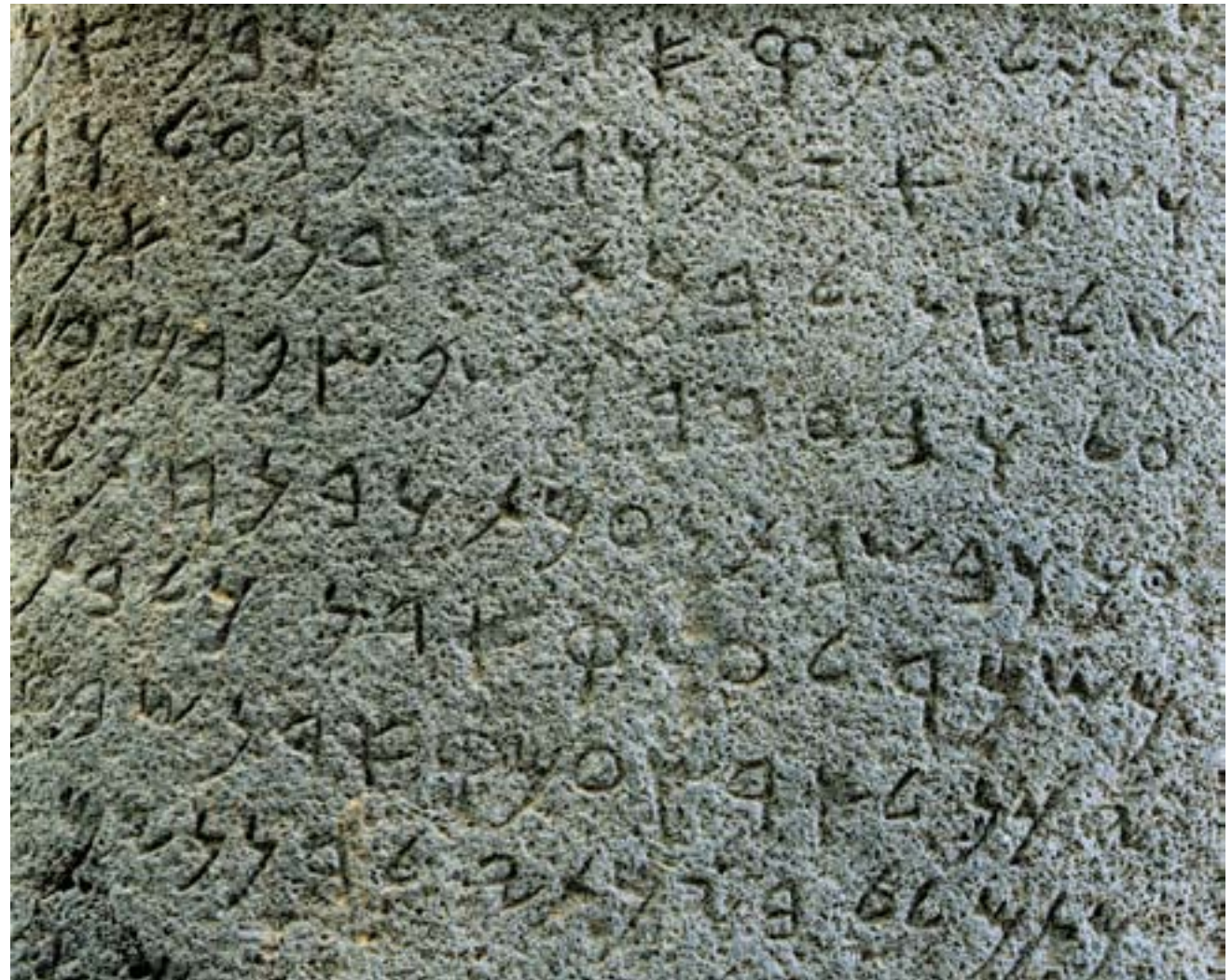
Os Fenícios criaram entrepostos comerciais ao longo das costas do Mediterrâneo, também em Cádiz, Adra, Almuñécar, Málaga (Espanha), chegando até às costas atlânticas: Castro Marim, Tavira, Rocha Branca, Faro, Lagos, Lisboa, etc.

No Norte de África fundaram uma das suas principais colónias: Cartago (= Nova Cidade). Cartago, situada perto do centro da cidade de Túnis, na Tunísia, foi uma das grandes potências da Antiguidade, disputando com Roma o controlo comercial e militar do Mediterrâneo. Nessa disputa tiveram origem as três Guerras Púnicas, após as quais Cartago foi destruída.

O sistema de escrita fenício continuou em uso, em forma do Púnico (uma escrita mais cursiva), até 200 – 300 n.e.

Escrita de prestígio

No início do primeiro milénio a.n.e., o sistema de escrita fenício gozava de prestígio além-fronteiras. Os Hebreus e os Arameus, que se instalaram na zona do Sinai dois séculos antes, adoptaram vários padrões culturais dos Fenícios – entre eles, o alfa-



Escrita fenícia. Museu ao ar livre de Karatepe-Arslantas, Turquia. Karatepe, uma fortaleza dos Hititas, é uma estação arqueológica perto do rio Jeihan, na Turquia meridional, escavada entre 1946 e 1949. As escavações de Karatepe, puseram a

descoberto lajes de pedra com cenas de caça, navegação e também religiosas, e forneceram inscrições bilingues (fenício e hieróglifos hititas) — o que facilitou muito a tarefa de decifrar a escrita hitita. Mais imagens em www.hittitemonuments.com/karatepe.

beta. E começaram a escrever textos no seu idioma, usando glifos fenícios.

A partir da primeira metade do século IX a.n.e., a escrita hebraica tomou um rumo próprio; a escrita aramaica fê-lo a partir da primeira metade do século VIII a.n.e. A partir do século VIII a.n.e., o sistema fenício deixou de ser «internacional», convertendo-se num sistema de escrita «nacional», tal como o Aramaico e o Hebraico. ¶

Bibliografia comentada

- Aubet, M. E. *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Consejo Sup. de Invest. Científicas. Belaterra. 2009.
- Calvet, L.-J. *Histoire de l'écriture*. Plon. Paris. 1996.
- Coulmas, Florian. *The Writing Systems of the World*. Blackwell Publishers Ltd. 1989.
- Cross, F. M. *The Invention and Development of the Alphabet*. In: Senner, Wayne M (editores). *The Origins of Writing*. Lincoln. Univ. of Nebraska Press. 1991.
- Daniels, Peter T.; Bright, William (editores). *The World's Writing Systems*. 1996.
- Degering, Hermann. *Die Schrift. Atlas der Schriftformen des Abendlandes vom Altertum bis zum Ausgang des 18. Jahrhunderts*. 1952.
- Diringer, David; Freeman, Hilda. *A History of the Alphabet*. Headley-on-Thames. Gresham Books. 1983.
- Diringer, David. *History of the Alphabet*. 1977.
- Diringer, David. *The Story of the Aleph Beth*. 1958.
- Druet, Roger; Gregoire, Herman. Prefácio de Roland Barthes e François Richaudeau. *La Civilisation de l'Écriture*. Arthème Fayard & Dessain et Tolra. 1976.
- Fischer, Steven R. *A History of Writing*. Reaktion Books. 2005.
- Frankenstein, Susan. *Arqueología del colonialismo: el impacto fenicio y griego en el sur*. Barcelona. Grijalbo-Mondadori. 1997.



145 HIKJ + YIS F9i5W F y i5vL3 givL3, LK y 15 (OGI 7 + W W i 7 9 K i 5 9 K (1/9 1 W 2 5 i 3 9 B K 5 9 L 0 9 4 0 2 0 7 I 1 5 9 K
ilgn))L(1 9 7 7 H 5 3 i K 3 Y i L 9 1 i 0 i B 9 5 + i B 5 Y i 3 4 5 i K 1 4 1 4 1 + 3 3 7 5 9 0 5 i 1 + 0 5 i 1 i 5 9 K i (1 3 Y i L 9 1 i 3 0

Entre os textos mais importantes para a história dos alfabetos, avulta a inscrição em memória de Ahiram, rei de Biblos, mandada gravar por volta de 1.000 a.n.e. pelo seu filho, sobre um sarcófago reutilizado. Esta inscrição, considerada a primeira verdadeiramente fenícia, integra 19 das 22 letras do alfabeto e já mostra elementos de separação entre as palavras. O sarcófago foi descoberto pelo arqueólogo francês Pierre Montet em 1923, no sítio de Jbeil, no Líbano (a Biblos histórica), e pertence ao Museu Nacional de Beirute. Foto: G. Eric and Edith Matson

Photograph Collection da Library of Congress, EUA.

Por baixo da fotografia nesta página, a famosa inscrição fenícia.

Outras inscrições, igualmente de cariz real, remontam à época persa, quando a cidade-estado de Sidon alcançou uma posição dominante na costa marítima fenícia.

Os seus reis fizeram gravar grandes dedicatórias aos deuses da cidade e cunhar sobre as suas tumbas avisos aos ladrões que ousassem pilhar os sepulcros. O uso de cunhar moedas, que apareceu nesta época, ocasionou a legendagem de moedas com nomes de reis.

Földes-Papp, Károly. *Vom Felsbild zum Alphabet:*

Die Geschichte der Schrift von ihren frühesten Vorstufen bis zur lateinischen Schreibschrift. Belsler Verlag. Stuttgart. 1984.

Günther, H; Ludwig, O. *Schrift und Schriftlichkeit.*

Ein interdisziplinäres Handbuch. Berlin e Nova Iorque. 1994.

Haarmann, Harald. *Geschichte der Schrift.* Verlag C.H.Beck.

München. 2002. Uma História da escrita.

Hans J. Nissen, P. Damerow, R. Englund. *Archaic Bookkeeping.*

University of Chicago Press. 1993.

Healey, John. *The Early Alphabet.* London. British Museum. 1990.

Jensen, Hans. *Die Schrift in Vergangenheit und Gegenwart.* Berlin. 1958.

Logan, Robert K. *The Alphabet Effect: The Impact of the Phonetic Alphabet on the Development of Western Civilization.* Nova Iorque. William Morrow and Company, Inc. 1986.

Mandel, Ladislav. *Ecritures, miroir des hommes et des sociétés.* Atelier Perrousseaux éditeur. 1998. Obra também publicada no Brasil, em 2006, pela Edições Rosari, sob o título *Escritas - espelho dos homens e das sociedades.*

Mandel, Ladislav. *Du Pouvoir de l'écriture.* 2004.

Martín, J.A. Catálogo documental de *Los Fenicios en Andalucía.* Junta de Andalucía. 1995.

Naveh, Joseph. *The Early History of the Alphabet.* Leiden: E.J. Brill. 1982. Também: Magnes Press. Hebrew Univ. Jerusalém. 1987.

Ouaknin, Marc-Alain; Bacon, Josephine. *Mysteries of the Alphabet: The Origins of Writing.* Abbeville Press. 1999.

Prados Martínez, Fernando. *Los Fenicios, del Monte Líbano a las Columnas de Hércules.* Marcial Pons Editores. 2007.

Seipel, Wilfried (editor). *Der Turmbau zu Babel, Ursprung und Vielfalt von Sprache und Schrift.* Catálogo da exposição sobre Linguagem e Escrita realizada no Kunsthistorisches Museum Wien. Viena. 2003.

Saggs, H.W.F. *Civilization Before Greece and Rome.* Yale. Yale University Press. 1991.

Schmandt-Besserat, Denise. *How Writing Came About.* University of Texas Press. 1992.

Tsirkin, J. B. *The Phoenician Civilization in Roman Spain.* Gerión 3. 1985.

𐤀 𐤁 𐤂 𐤃 𐤄 𐤅 𐤆 𐤇 𐤈 𐤉 𐤊 𐤋 𐤌 𐤍 𐤎 𐤏 𐤐 𐤑 𐤒 𐤓 𐤔 𐤕 𐤖 𐤗 𐤘 𐤙 𐤚 𐤛 𐤜 𐤝 𐤞 𐤟 𐤠 𐤡 𐤢 𐤣 𐤤 𐤥 𐤦 𐤧 𐤨 𐤩 𐤪 𐤫 𐤬 𐤭 𐤮 𐤯 𐤰 𐤱 𐤲 𐤳 𐤴 𐤵 𐤶 𐤷 𐤸 𐤹 𐤺 𐤻 𐤼 𐤽 𐤾 𐤿

Escrita fenícia, fonte digital.



Fenikeliler ait yazı (sistema de escrita fenício)

A Escrita do Sudoeste Peninsular

A *Estela da Abóbada*, achada no sítio arqueológico de Gomes Aires, em Almodôvar, é uma das poucas que inclui figuração.

No centro, emoldurado pelas bandas com glifos, vemos um guerreiro armado, em pose agressiva. Esta estela documenta o primeiro sistema alfabético usado em Portugal.

Muitas das estelas com *Escrita do Sudoeste* provêm do Baixo Alentejo e puderam ser datadas – aproximadamente –, a partir das necrópoles a elas associadas.

Estas necrópoles tinham inicialmente túmulos circulares e depois túmulos elaborados em forma rectangular.

As datas assinaladas para as pedras funerárias oscilam entre os séculos VII e V a.n.e.





Fragmento de uma estela exposta no Museu Arqueológico de Faro, Portugal. Escrita do Sudoeste. Os glifos são muito semelhantes aos do alfabeto fenício. Foto: ph.



Fragmento de uma estela inscrita exposta no Museu Arqueológico de Badajóz, Espanha.

Escrita do Sudoeste. Os glifos são semelhantes aos do alfabeto fenício. Bibliografia: La estela inscrita de Siruela, Badajoz, José M. Otero, José L. Melena, Universidad de Salamanca. Foto: ph.

A chamada *Escrita do Sudoeste* ou *Tartéssica* ou *Sudlusitana*, da Idade do Ferro I no Sul de Espanha e Portugal, foi desenvolvida pelos *Tartessos*, nome pelo qual os Gregos conheciam os habitantes das actuais regiões da Andaluzia, da Extremadura espanhola, do Baixo Alentejo e do Algarve.

As inscrições que hoje conhecemos foram maioritariamente achadas nas áreas mais acidentadas entre o Alentejo e o Algarve (em especial, na Serra do Caldeirão), no território das nascentes dos cursos de água desta região (Sado, Mira, Arade) e dos três subsidiários do rio Guadiana (ribeiras de Oeiras, Vascão e Foupana).

A zona estende-se até Badajoz, na Extremadura espanhola. Contudo, há que salientar que desde as prospecções do casal de arqueólogos alemães Georg e Vera Leisner (de 1940 a 1960), nunca mais se fez alguma prospecção e inventariação arqueológica sistemática em Portugal.

Os glifos do alfabeto da *Escrita do Sudoeste* (veja tabela na primeira página do artigo) são claramente derivados do alfabeto fenício. A escrita teria 27 signos, o número que se regista numa estela aparecida em Espanca (Castro Verde, Beja); esta inscrição mostra um abecedário gravado por alguém que possuía destreza, e outro imitado, por baixo, por um aprendiz.

Nos glifos do *Alfabeto de Espanca*, os primeiros catorze têm formas e valores fonéticos idênti-

As estelas, sejam de carácter funerário, ou votivo ou cumprindo outras funções, são elementos frequentes nos espólios datáveis para a Idade do Ferro europeia.

As imagens de espadas e achas de ferro, gravadas em relevo nestas estelas expostas no *Museu Regional de Beja* (www.museuregionaldebeja.net) não nos deixam dúvidas sobre o carácter bélico e agressivo das sociedades que usavam a *Escrita do Sudoeste*.

Em território hoje português e espanhol, na Idade do Ferro verificou-se a ocupação dos territórios celtas, lusitanos e tartéssios pelas legiões do Império Romano.

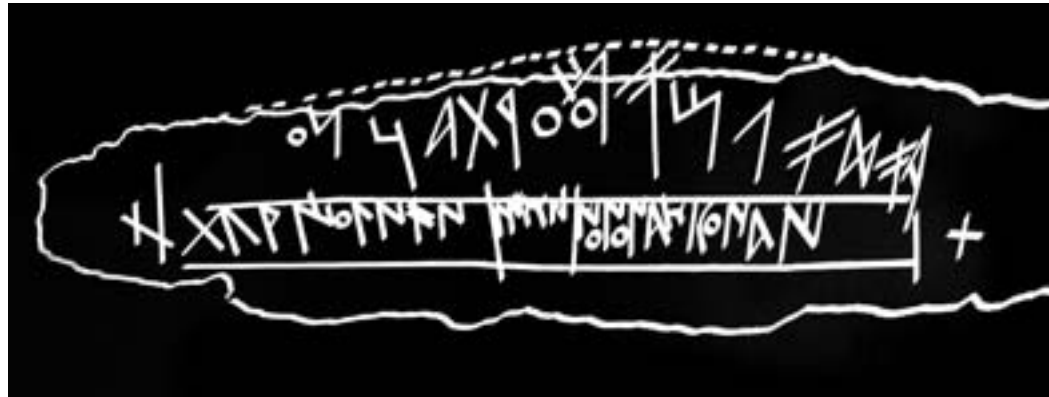
A divisão do período em Idade do Ferro I e Idade do Ferro II, como o fez Armando Coelho na sua obra *Cultura Castreja*, permite diferenciar com maior precisão as dinâmicas sociais e culturais.



cos. Os cinco glifos que se seguem, embora apresentem um traçado semelhante, podem corresponder a fonemas diferenciados. Os últimos oito consideram-se relativamente independentes, adoptados para suprir a falta de glifos que completassem o sistema. Sem contar com as variantes de algumas letras, conhecemos hoje cerca de 40 glifos diferentes. O que é que nos transmitem?

A escrita foi considerada «complexa» e «indecifrável», mas o facto é que tem sido decifrada, pouco a pouco; a sua leitura começa a ser possível. Conhecemos mais de oitenta textos, muitos que são fragmentos, quase todos gravados em estelas feitas com a pedra de xisto que abunda na área da sua difusão. Alguns textos parecem não ter qualquer contexto funerário.

Podemos ler – foneticamente – uma boa parte das sequências gravadas nas inscrições, mas ainda não deciframos os conteúdos. O que significam? Pouco sabemos sobre a(s) língua(s) em que estão escritas. Sendo a linguagem desconhecida, as dificuldades de interpretação dos textos são grandes, agravadas pela dificuldade de isolar palavras, pois quase sempre faltam separadores. Contudo, já temos um primeiro repertório de sequências de glifos, que podem corresponder a «palavras». Existem correspondências com nomes de origem indo-europeia.



Estela de Siruela, Badajoz. Desenho exposto no Museo Arqueológico Provincial de Badajoz. Os glifos são muito semelhantes aos do alfabeto fenício.

O conjunto de glifos de Espanca.

Um conjunto de inscrições funerárias apresenta no final uma sequência de glifos, com ligeiras variantes – uma fórmula do tipo «aqui jaz». A comparação com línguas conhecidas permite incluir o idioma representado nas línguas indo-europeias.

Admitiu-se a ligação com vestígios toponímicos da região. Neste contexto integram-se, por exemplo, os nomes de lugares terminados em -ipo (aos quais pertence a cidade andaluza de *Ventipo*, mas também *Olisipo*, Lisboa) e em -oba e -uba (onde se inclui *Ossonoba*, Faro, bem como *Corduba*, Córdova).

As características da *Escrita do Sudoeste*

Do ponto de vista da classificação de sistemas de escrita, a *Escrita do Sudoeste* não é nem propriamente um alfabeto, nem um silabário, mas sim uma escritura mista, um semi-silabário. À semelhança das outras escritas paleo-hispânicas, apresenta glifos com valor silábico para as oclusivas, e glifos com valor alfabético para o resto das consoantes e vogais.

A característica distintiva desta escrita é a sistemática *redundância vocálica dos signos silábicos*, um fenómeno que nas outras escritas paleo-hispânicas é apenas residual. Este aspecto, descoberto por Ulrich Schmoll, permite classificar a maior parte dos glifos desta escrita em silábicos, vocálicos e consonânticos.

Jesús Rodríguez Ramos, num artigo derivado da sua tese de doutoramento, explica o carácter da

Estela da Herdade do Pêgo I, Rio Mira, Ourique, Alentejo. Museu Arqueológico de Beja. Era sobretudo em estelas funerárias – pedras tumulares talhadas em xisto ou grés – que as sociedades do Sudoeste ibérico faziam inscrições; as estelas eram colocadas ao alto sobre as sepulturas dos defuntos da classe dirigente.

A Necrópole da Herdade do Pêgo ocupa um pequeno cabeço de xisto de vertentes suaves. Nas suas imediações está o habitat com o mesmo nome, relacionado com esta necrópole. A necrópole, que apresentava o aspecto de uma calçada compacta de xisto, ocupava uma área de 830 m². Era composta por 38 monumentos funerários, de que se conservavam, no momento da escavação, 35, todos justapostos. Fotos: ph.

Escrita do Sudoeste aplicada a uma lápide funerária. Museu de Beja.



Escrita do Sudoeste: «De las escrituras paleohispánicas de las cuales tenemos un mínimo de datos para poder trabajar, sólo nos podemos plantear la sudlusi-tana como la más próxima al modelo fenicio. La forma de sus signos es la más similar al fenicio (más apartada está la íbera meridional y mucho más la levantina) y es la más antigua documentada (al menos desde los siglos VI – v a.C.).»

«El funcionamiento de la escritura sudlusi-tana no se conoce a la perfección, pero hay algunos aspectos claros. Se trata de un alfabeto redundante, no algún signario prefenicio. Un semisilabario, en el que de forma paralela al íbero se dispone de cinco signos para cada uno de los tres órdenes de consonantes oclusivas (verosíblemente velar, dental y labial); correspondiéndose en principio cada uno al uso exclusivo ante un signo vocálico específico. La apariencia formal de la escritura es como si a cada silabograma del íbero se le añadiera sistemáticamente el signo de la vocal ya incluida en dicho silabograma (ba + a, be + e, etc.) pero, desde un punto de vista estructural y funcional, corresponde a un alfabeto.»

«Con todo, las inscripciones que han llegado hasta nosotros no siempre se atienen ortodoxamente a la regla general, sino que se aprecian lo que parecen ser simplificaciones y evoluciones diversas en un grupo minoritario; además de unas pocas inscripciones que utilizan formas de signos atípicas y



que deben corresponder a tradiciones épicas, por lo que son de difícil clasificación y complican sobremanera el establecimiento de regularidades a la hora de analizar el material.»
Fim da citação.

As estelas apresentam uma escrita sinistrorsa (escrita que se lê da direita para a esquerda), de estrutura semi-silábica, datável para os séculos VII e VI a.n.e., derivada do alfabeto fenício. O abundante uso de vogais abre a hipótese de estarmos perante uma língua falada num limitado espaço geográfico. Estela fotografada no Museu de Almodôvar. Foto: ph.

Entretanto, embora a lentíssimo conta-gotas, os quase inertes administradores da Arqueologia portuguesa permitem algum acesso à realidade das sociedades da época. Uma necrópole da Idade do Ferro (descoberta há 37 anos!) abriu em 2008 ao público: a *Necrópole do Pardieiro*, no concelho alentejano de Odemira. Podemos agora visitar dez sepulturas num sítio arqueológico onde foram achadas três lápides epigrafadas com *Escrita do Sudoeste* e duas estelas decoradas com marcas de pés, no Monte do Pardieiro, a cerca de três quilómetros de Corte Malhão, na freguesia de São Martinho das Amoreiras.

Nas sepulturas do Pardieiro também foram achadas prendas funerárias, como colares de contas de pasta vítrea e de âmbar, pingentes de cornalina (ágata, pedra preciosa), peças de cerâmica e algumas armas de ferro, como facas e pontas de lança.

Outro sítio visitável, Fernão Vaz, está integrado no Circuito Arqueológico da Cola, situado a cerca de 15 km da vila de Ourique, e ao qual se tem acesso pela estrada IC1, que liga Lisboa ao Algarve. A partir de 1970, os arqueólogos conseguiram localizar em Fernão Vaz vários monumentos funerários, onde foram recolhidas inscrições com *Escrita do Sudoeste*, juntamente com armas de ferro, cerâmicas de origem mediterrânea, jóias fenícias, anéis com escaravelhos egípcios – objectos provenientes do Mediterrâneo Central e Oriental.

Estela da Fonte Velha, Bensafrim.

Como se verifica em boa parte das estelas grafadas com a *Escrita do Sudoeste*, o texto é enquadrado por duas linhas paralelas, que definem o alinhamento dos glifos.

A distribuição e a organização do texto são quase sempre parecidas. No modelo mais frequente, vemos uma única sequência contínua, em forma de U invertido, iniciada na parte inferior direita e terminada no lado oposto.

A orientação *sinistrorsa* é a mais frequente: da direita para a esquerda. A posição dos caracteres é *extroversa*: o topo dos glifos está dirigido para o exterior da estela; a linha de base está orientada para o centro.

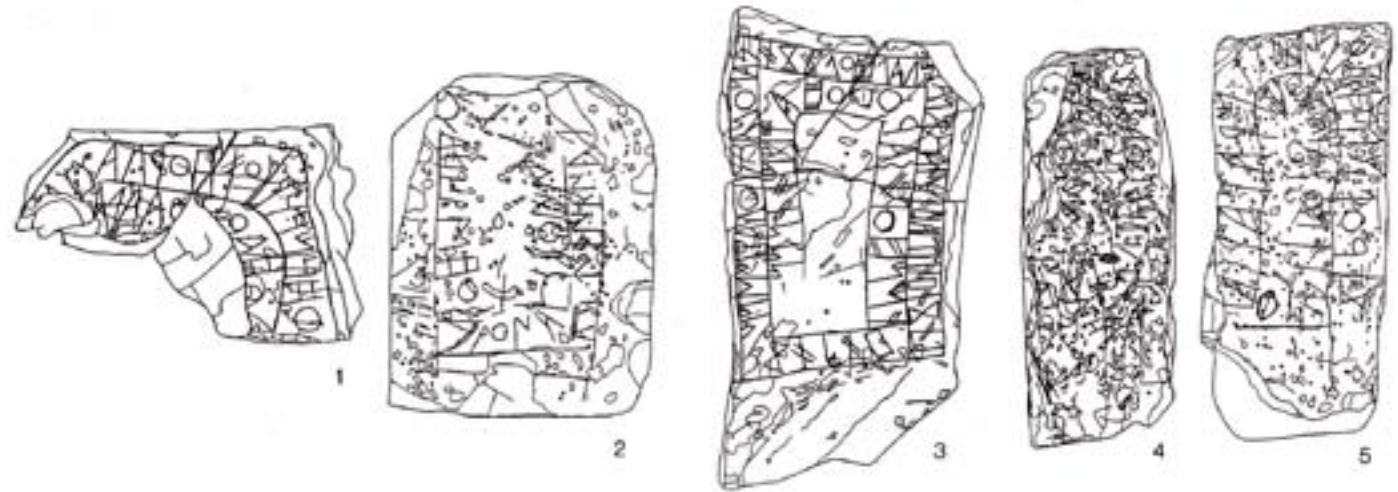
Apesar de se tratar de um fenómeno geográfica e cronologicamente limitado, a existência de muitas particularidades atípicas do padrão mediano faz crer que não se praticou uma grande uniformização, pois as inscrições conhecidas mostram diversos particularismos.



Estas descobertas permitiram identificar uma civilização entre os finais do século VIII e o século V a.n.e.; agora faltava perceber a dinâmica social dos habitantes desta zona e a forma como se relacionavam com os empórios fenícios e as importações de elementos culturais trazidos por estes comerciantes.

Pouco nos interessa conhecer um sistema de comunicação social – como é o caso da *Escrita do Sudoeste* – se não o conseguimos relacionar com a organização social e política das sociedades que o usaram. Para além de várias descrições fenomenológicas, parece ser Virgílio-Hipólito Correia o único cientista que tentou perceber a dinâmica da sociedade que «honrava» os seus elementos de elite (que controlavam os centros de poder da região) com estelas funerárias escritas, entre os séculos VIII e V a.n.e.

Refere este autor «uma situação conjuntural em que esses centros de poder não estavam verdadeiramente nucleados, ou seja: em certa medida, que cremos ser correlativa à falta de nucleação de população e à sua incompleta urbanização, vários tipos de núcleos concentravam em si distintos tipos de poder. Esta situação, que não tem sido suficientemente compreendida, nem conceptualmente, nem em termos de restituições históricas produzidas pela historiografia, é, quanto a nós, fulcral em toda a envolvência arqueológica do fenómeno da escrita (...) e dos problemas do período orientalizante, em que a escrita se integra».



Necrópole de Fonte Velha de Bensafrim (Lagos): lápides com Escrita do Sudoeste. Segundo Caetano de Mello Beirão, 1986.

(Beirão é um dos especialistas desta área.) Nas proximidades da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos, Algarve) descobriu-se um local habitado durante a I. Idade do Ferro, cujos habitantes implantaram estelas nas sepulturas dos seus membros de elite, usando a *Escrita do Sudoeste*. A variedade das inscrições nas estelas de Bensafrim é ampla e a distribuição geográfica dos vários grupos também se revelou bastante complexa. A paleografia que distingue estes grupos mostra tendências sistemáticas, que podem eventualmente corresponder a distintas estruturas de ensino e aprendizagem; estruturas dotadas de alguma solidez e durabilidade. Estes grupos (clãs?) distinguem-se no terreno por uma linha divisória que atravessa as serras algarvias.

No âmbito do projecto da *Carta Arqueológica do Algarve* (1877-1878), a Necrópole de Fonte Velha de Bensafrim foi alvo das atenções de Estácio da Veiga em 1878. Em 1897, foi

a vez de António dos Santos Rocha (1853 – 1910) bisbilhotar o local. Sobre as estelas com escrita do Sudoeste presentes nesta necrópole, Virgílio Hipólito Correia (1997) procedeu à sua sistematização. As duas primeiras estelas – Fonte Velha I (J.1.3) e II (J.1.4) – haviam sido oferecidas a Estácio da Veiga em 1878 pelo prior de São Sebastião de Lagos. A estas somou-se-lhe uma terceira estela – Fonte Velha V (J.1.5) – fruto das escavações no local e que estaria reutilizada numa sepultura (Hübner, 1893). Igualmente reaproveitada na construção de uma outra sepultura estaria a estela recolhida por António dos Santos Rocha – Fonte Velha VI (J.1.1) –, hoje albergada no Museu Municipal da Figueira da Foz.

A estas quatro estelas, somar-se-ia ainda uma outra – Fonte Velha III (J.1.2) – adquirida por José Leite de Vasconcellos para o Museu Nacional de Arqueologia. Nesta instituição encontram-se, desde então, as estelas I, II, III e V. Virgílio Correia (1996) considera que estas epígrafes reportam-se à 3ª fase da evolução da Escrita do Sudoeste, atribuindo-lhes uma cronologia do século VI a.n.E.



Estela com Escrita do Sudoeste, achada na Herdade do Monte Gordo, freguesia de Rosário (Almodôvar), em plena planície alentejana, entre o conjunto de Ourique e de Neves/ Corvo, fora da área serrana onde tem ocorrido estelas em maior número. Encontrava-se reaproveitada como umbreira de um Monte junto da estela pré-histórica do Monte Gordo e numa zona onde devem ter aparecido 8 espetos de bronze (Vasconcellos, 1933). A estela encontra-se mal conservada, mantendo-se em mau estado parte do campo epigráfico. Nele se inscreveu um texto relativamente extenso, que constituirá contributo relevante para o corpus textual associado a esta Escrita.



Estela de Capote, Higuera la Real (Badajóz). Foto: Vicente Novillo. 2005. Catálogo de Estelas Decoradas del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz, Consejería de Cultura, Junta de Extremadura, Espanha.



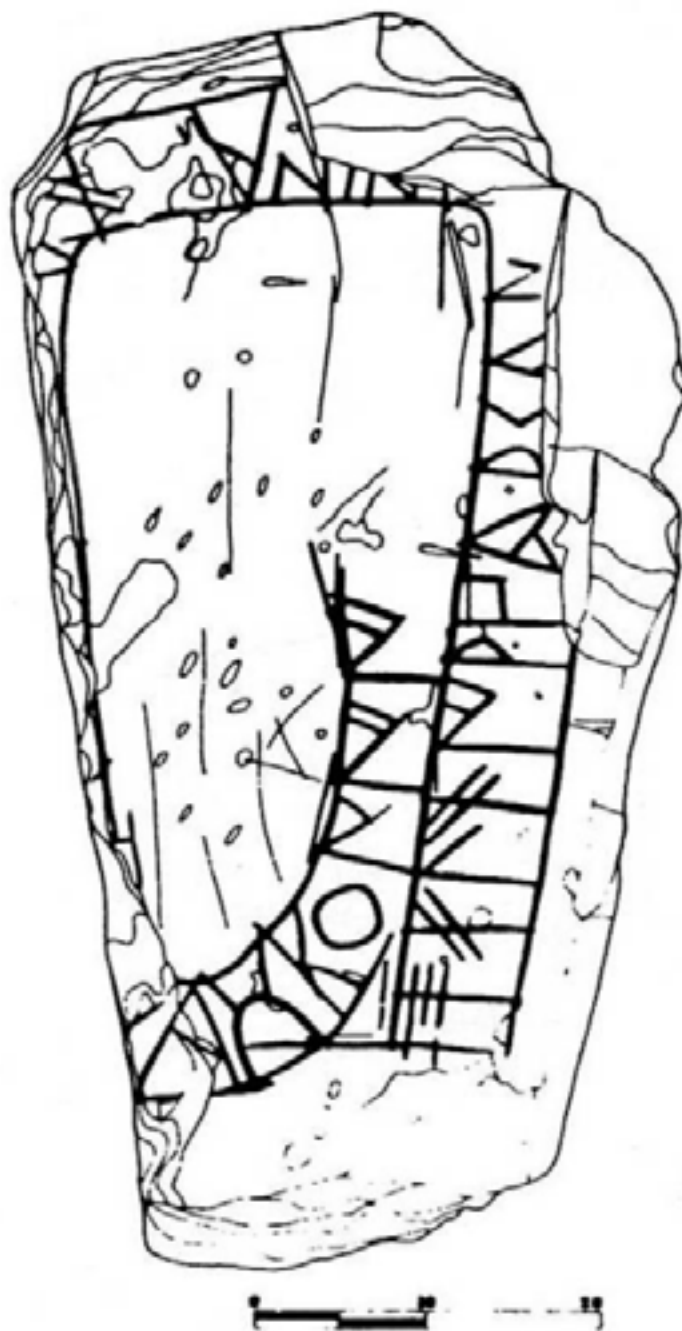
Cerâmica de engobe vermelho com Escrita do Sudoeste. Um fragmento recolhido numa escavação no castelo de Moura, no âmbito de trabalhos dirigidos pelo arqueólogo José Gonçalo Valente, e inserido num conjunto material e estratigráfico do século IV a.n.E. Neste mesmo tipo de cerâmica, cronologias mais recuadas haviam sido indicadas por um fragmento proveniente do Castillo de Doña Blanca – século VIII/VII –, e indicadas ainda pelos grafemas que encontramos nas peças de Medellín e no Castro da Azougada, com cronologias dos séculos VI e V a.n.E. O fragmento de Moura é importante pelo contexto arqueológico onde surge, com uma cronologia segura. De acordo com a leitura de Amílcar Guerra, à parte conservada deve ler-se: *nabaor*, podendo provavelmente a primeira letra de que se conserva o pequeno sector ser um a, pelo que teríamos – com a peculiaridade de não haver redundância –]anabaor[.

Estela da Cerca do Curralão.

No âmbito das realocações efectuadas em 2008 pelo *Projecto Estela* foi possível determinar o local da descoberta accidental, no decorrer de trabalhos agrícolas à mais de 30 anos, da estela da Cerca do Curralão (Santos, 1980; Beirão, Gomes, 1980: 25; Beirão, 1986: 134, Inscrição nº63; Correia, 1996: 133, 165 e Untermann, 1997: 264, 265; inscrição J.11.3).

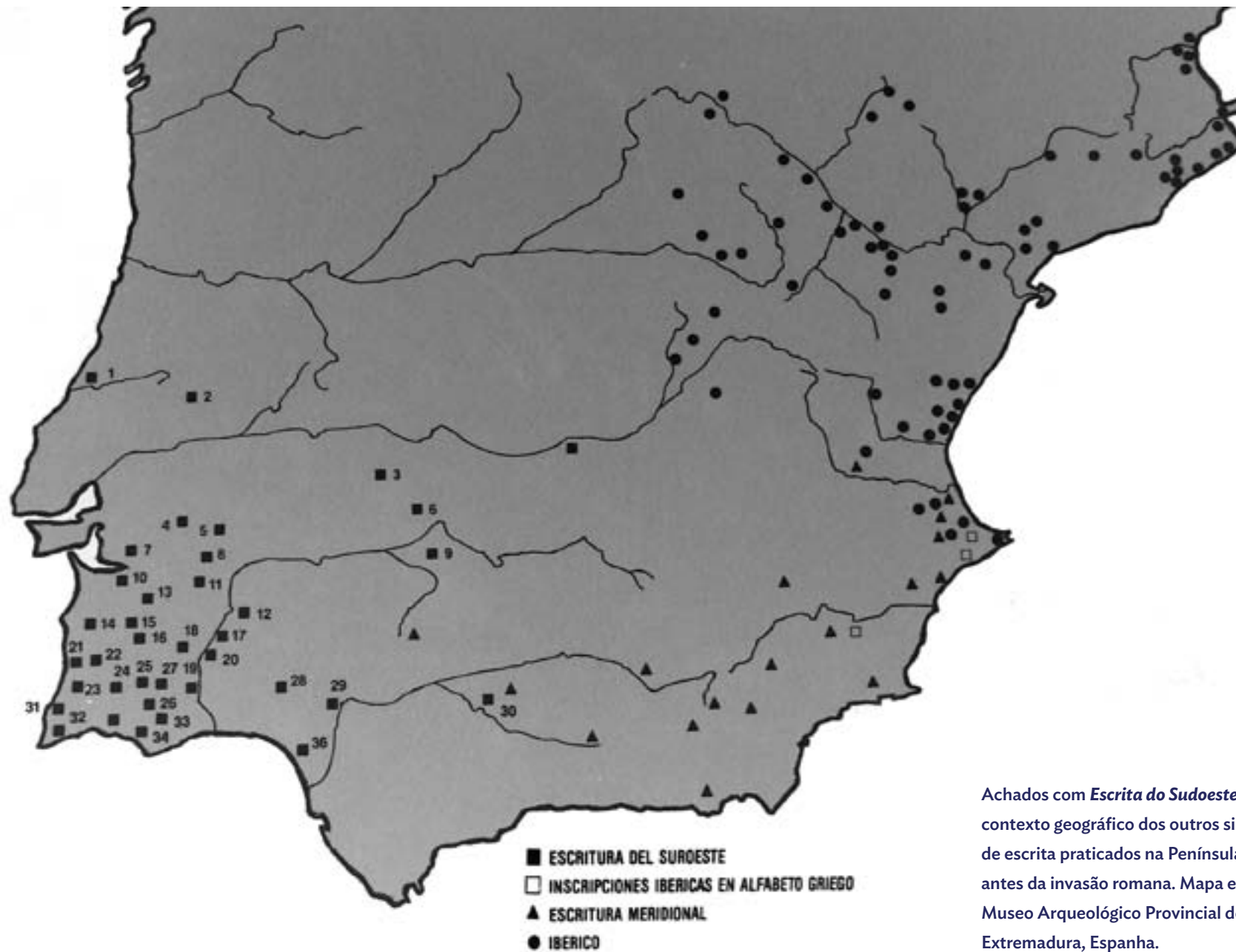
O local é situado na Ribeira de Odelouca, importante linha de água que articula a distribuição e a passagem entre as pequenas povoações, naquela que coincide hoje na delimitação administrativa concelhia e regional entre o Alentejo (Ourique e Almodôvar) e o Algarve (Silves).

Nesta área já era conhecido um núcleo de estelas, nomeadamente as estelas da Corte do Freixo e de São Martinho (Cortes, 1999). A este conjunto pode-se agora associar com segurança a localização exacta da já conhecida estela da Cerca do Curralão, cuja proveniência do achado era incerta e referida a “local impreciso” e de “cartografia impossível” (Correia, 1996: 133 e 165). A estela da Cerca do Curralão pode ser vista no Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal, na exposição permanente aí patente.

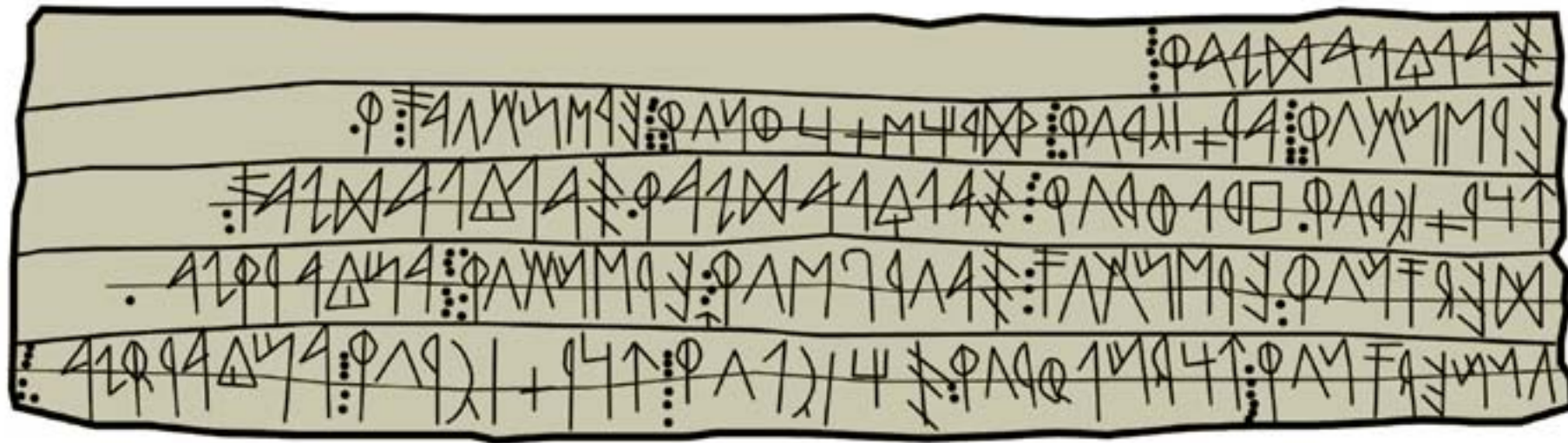


Descoberta em 1979, a estela funerária procedente da Cerca do Curralão em Almodôvar, apresenta texto dextrorso embora disposto em boustrophedon, onde se reconhecem 17 letras completas e 8 incompletas, constituindo fórmula funerária, possivelmente formada por seis palavras. Estas corresponderão a nome próprio, etnónimo menor, patronímico, cognome ou gamonímico e a etnónimo maior, usado como origónimo.

O estudo das epígrafes permite concluir que a Escrita do Sudoeste Peninsular é alfabética e expressa uma língua indo-europeia, que usou sete vogais e apresenta bom número de características fonéticas e gráficas, permitindo integrá-la na grande família das escritas arcaicas.



Achados com *Escrita do Sudoeste* no contexto geográfico dos outros sistemas de escrita praticados na Península Ibérica antes da invasão romana. Mapa exposto no Museo Arqueológico Provincial de Badajoz, Extremadura, Espanha.



Face **A do chumbo da Bastida de les Alcuses (Moixent, Valência)**. A **Escrita Ibérica Meridional** (ou Suroriental) é uma escrita similar à **Escrita do Sudoeste**. Contudo, esta expressa algo como a «língua tartéssica», enquanto que a **Escrita Ibérica Meridional** expressa a «língua ibérica», como o fazem também a **Escrita ibérica Nororiental** e o **alfabeto greco-ibérico**. Como a maior parte das

outras escritas paleohispânicas (à exceção do alfabeto greco-ibérico), esta escrita tem glifos para consoantes e vogais, e signos que representam sílabas, como os silabários.

A sua utilização é datada entre os séculos IV e II a.n.e. no Sudeste da Península Ibérica (Andaluzia Oriental, Murcia, Albacete, Alicante e Valência). Escrevia-se da direita para a esquerda, como a **Escrita do Sudoeste**.

Bronze de Cortono. Proveniência desconhecida. Sistema de escrita: **Signário ocidental.** Esta escrita exprime a língua celtibérica. É uma adaptação directa da Escrita Ibérica Nororiental. Como a maior parte das outras escritas páleo-hispânicas, integra glifos que representam consoantes e vogais, como os alfabetos, e signos que representam sílabas, como os silabários. Foi utilizada nos séculos II e I a.n.E., no interior da Península Ibérica (Guadalajara, Soria, Zaragoza). Escrevia-se quase sempre da esquerda para a direita.



Na Idade do Ferro peninsular, os contactos e o comércio a média e a longa distância, com comerciantes fenícios, eram controlados pelas élites locais. Já Maria Eugenia Aubet salientara em 1982 que a interacção com as regiões orientais do Mediterrâneo era controlada pelo estrato dominante da sociedade.

A «penetração orientalizante» foi um processo de afirmação de uma élite, e a sua difusão na sociedade peninsular foi um instrumento para garantir essa dominância. Virgílio-Hipólito Correia disse a este propósito: «É indispensável abordar os fenómenos políticos se se quer compreender os fenómenos orientalizantes, entre eles a escrita.»

Entre os vários tipos de povoamento praticados nos séculos VIII a V, foram importantes alguns povoados não-urbanos, mas locais centrais de extensões territoriais significativas, que incorporaram funções económicas e rituais. Um sítio deste tipo é Fernão Vaz – um edifício de planta regular, composto por quatro longos compartimentos, de planta semelhante à dos Armazéns de Toscanos. O acesso é feito por outro grande compartimento rectangular, que forma um dos lados de um grande pátio, onde se entra por um vestíbulo monumental com uma lareira proeminente.

Ao lado desta entrada, abrindo para o lado oposto, existem duas outras salas; a do lado sul terá funcionado como santuário ou como depósito de objectos rituais. Um raro conjunto de objectos,

Sítio arqueológico de Fernão Vaz.

Ruínas do edifício rectangular descrito no texto. Fernão Vaz designa os restos de um povoamento da Idade do Ferro, com uma ocupação posterior medieval-islâmica. Este pequeno sítio faz parte do **Circuito arqueológico do Castro da Cola**, um percurso que surgiu como aproveitamento de trabalhos de arqueologia realizados no concelho de Ourique, no Alentejo.

A selecção dos locais foi orientada pela visibilidade dos sítios, mas também de modo a contribuir para desvendar uma paisagem organizada em torno do rio Mira, que funcionou como elemento aglutinante das populações deste território.

Dos cerca de 30 sítios conhecidos, foi seleccionado um conjunto de 15 que, pelo seu estado de conservação, reuniam condições para uma apresentação ao público: os monumentos megalíticos de Fernão Vaz 1, Fernão Vaz 2 e Nora Velha, o povoado calcolítico do Cortadouro, as necrópoles da Idade do Bronze de Alcaria 1, Alcaria 2 e Atalaia, os povoados da Idade do Ferro Porto das Lages e Fernão Vaz, as necrópoles e monumentos funerários da Idade do Ferro de Fernão Vaz, Nora Velha 2, Vaga da Cascalheira, Casarão e Pego da Sobreira e o povoado fortificado medieval (islâmico e cristão) da Cola. Foto: ph.



incluindo um *obelos*, dois *kiathoi* e um vaso, tornam provável a hipótese de que algum tipo de libação ou ritual tivesse tido lugar nesta sala, ou noutra sala do edifício a que esta serviria de depósito.

Neste edifício terão sido centralizadas várias actividades de exploração de recursos naturais: a cerca de 300 metros situava-se uma jazida mineira, explorada no Calcolítico e de novo na Idade do Ferro; da exploração agrícola dependente de Fernão Vaz conhece-se o pequeno *habitat* de Porto das Lages.

Fernão Vaz parece ser um paradigma, pois este padrão reproduz-se por outros povoados dispersos pela planície do Baixo Alentejo. Também existiram povoados fortificados; na zona de Fernão Vaz tal povoado terá existido sobre uma elevação próxima. Vários grandes monumentos funerários rodeiam a área de Fernão Vaz.

À ocupação antiga de Cola pertenceram uma espada do Bronze Final, elementos de foice de sílex, uma fíbula de cotovelo e várias mós. À volta deste povoado encontram-se várias necrópoles (Azinhal, Mamoá do Marchicão, Nora Velha II e a reutilização do Tholos da Nora Velha).

Resume Virgílio-Hipólito Correia: «Com os dados disponíveis, é sustentável que os *habitats* não fortificados se distribuam de maneira semelhante à epigrafia, um factor pri-



Estela de Mesas do Castelinho

mordial na identificação de sepulturas de prestígio. Quer as inscrições, quer os grandes monumentos funerários têm uma larga distribuição por muitas necrópoles que, na maioria dos casos, estão associadas a pequenos povoados e não a centros urbanos.»

«O padrão de distribuição das inscrições e dos sítios associados parece ser função da dispersão de recursos naturais. Assim, se as inscrições são indicador de um alto estatuto social na sociedade da época, esse estatuto estava directamente ligado a unidades demográficas organizadas em pequenos grupos, dispersos, que exploravam directamente áreas localizadas de recursos naturais particularmente ricos.»

A Estela de Mesas do Castelinho

Osítio arqueológico de Mesas do Castelinho foi um povoado fortificado com quase três hectares e há nele vários vestígios da Idade do Ferro. O povoado terá sido fundado no século IV ou V a.n.e. As campanhas arqueológicas aí realizadas desde 1987 permitiram descobrir várias fortificações, construídas na Idade do Ferro.

A Estela de Mesas do Castelinho (imagem), achada em Setembro de 2008 em bom estado de conservação, é notável pela quantidade dos glifos presentes. Com 86 signos, é a estela com a inscrição mais extensa de *Escrita do Sudoeste*. Contudo,

a bela peça não se encontrava numa necrópole; foi descoberta por mero acaso numa zona já prospectada pelos arqueólogos, com a inscrição virada para baixo.

O mais recente achado de uma estela com *Escrita do Sudoeste* deu-se no ano de 2008, durante prospecções na povoação de Corte Pinheiro, na zona de Loulé. A Estela de Corte Pinheiro foi recolhida pelos arqueólogos Samuel Melro e Pedro Barros, protagonistas do *Projecto Estela*. ¶

Bibliografia Escrita do Sudoeste, Escritas ibéricas

- Antunes, A. S. *Testemunhos de literacia na margem esquerda do Baixo Guadiana: os grafitos*. In: *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*, MNA, Lisboa, 2010.
- Barros, P., Melro, S. E Santos, P. J. *Projecto Estela: primeiros resultados dos trabalhos nas serras de Mú e Caldeirão*. Revista Xelb, 10, Silves, 2010.
- Correa, J. A. R. *Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del sudoeste o tartesia*, Palaeohispanica, 9, Institución Fernando el Católico e CEACP, 2009.
- Correia, V. H. *A escrita do sudoeste: uma visão retrospectiva e prospectiva*, Palaeohispanica, 9, Institución "Fernando el Católico" e CEACP, 2009.
- Gomes, M. V. *Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)*, Musa, 3, MAEDS. 2010.
- Arruda, Ana Margarida. *A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo*. Revista Port. de Arqueologia. Vol 4. nº 2. 2001.
- *Los fenícios en Portugal: Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Cuadernos de Estudios Mediterráneos. Barcelona. 1999-2000.



Fragmento de estela funerária, com Escrita do Sudoeste, proveniente de Alagoas, Salir, Algarve. Museu de Loulé, Algarve, Portugal. Foto: ph. A distribuição espacial das estelas revela uma concentração na serra de Mú e Caldeirão, entre o Algarve e o Baixo Alentejo. Aqui foram assinaladas dois conjuntos, um a Sul, na transição da Serra com o Barrocal, entre Benafim e Salir, onde foram encontradas as estelas da Fazenda das Alagoas, Viameiro e Barradas e que com as estelas encontradas em Bensafirim (Lagos) e São Bartolomeu de Messines (Silves) traçam o limite Sul da concentração de estelas com escrita do Sudoeste. O outro, a Norte, em torno das Ribeiras do Vascãozinho, Vascanito e do Vascão, revela uma das três principais concentrações deste tipo de vestígios epigráficos, que engloba sítios arqueológicos localizados em Loulé e em Almodôvar. Foto: ph.

- Aubet, M.E. *Zur Problematik des orientalisierenden Horizontes auf der Iberischen Halbinsel*. In: Niemeyer, H.G. (ed.) *Phönizier im Westen*. Mainz. Madrider Beiträge 8, pp. 309-31. 1982.
- Beirão, Caetano de Melo. *Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país*. Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portug. Lisboa. AAP, II. 1972.
- *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal*. Paris. De Boccard. 1986.
- *Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados arqueológicos*. In: *Estudos orientais, vol. 1. Presenças orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao período romano*. Lisboa. Instituto Oriental. 1990.
- *Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz*. In: Manjarres, J. e Alvar, J. (eds.) *Homenaje a J. M^a Blazquez*. Madrid, Ed. Clásicas, pp. 285-302. 1994.
- *Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal*. Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas. Salamanca, pp. 465-502. 1985.
- Beirão, Caetano de Melo; Correia, V. H. *A cronologia do povoado de Fernão Vaz*. Revista Conimbriga, 30, pp. 5-11. 1991.
- Beirão, Caetano de Melo; Gomes, M. Varela. *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal, Epigrafia e Cultura*. Lisboa, MNAE, Cat. Exp. 1980.
- Beirão, Caetano de Melo, Tavares da Silva, C., Gomes, M.V. e Gomes, R.V. *Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações*. Revista O Arqueólogo Português, IV-3, pp. 45-135. 1985.
- Chamorro, Javier G. *Survey of Archæological Research on Tartessos*. American Journal of Archaeology, Vol. 91, Nr 2, 4. pp. 197-232. 1987.
- Coelho, L. *Epigrafia prelatina del S. O. peninsular portugués*. Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 1974). Salamanca: Universidad, pp. 201-211. 1976.
- *Inscrições da necrópole proto-histórica da Herdade do Pêgo, Ourique*. O Arqueólogo Português III- 5, pp. 167-180. 1971.
- Collis, J. *Reconstructing Iron Age society*. In: Kristiansen, K. & Jensen, J. (eds.) *Europe in the First Millennium B.C*. Sheffield Archaeological Monographs, 6, 1994.



Estela funerária com Escrita do Sudoeste. Museu de Almodôvar, Alentejo, Portugal. Foto: ph.

- Correa, José Antonio. *Los semisilabarios ibéricos: algunas cuestiones*. ELEA 4, pp. 75-98. 2004.
- *Singularidad del letrero indígena de las monedas de Salacia* (A. 103). Numisma. Madrid. 177-179, pp. 69-74. 1982.
- *El signario tartesio*. In: Gorrochategui, J.; Melena, J. L.; Santos, J., (ed.) *Studia palaeohispanica*. Actas del IV coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas (Vitoria/Gasteiz, 1985), Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 275-284. 1987.

- *La epigrafía tartesia*. In: Hertel, D.; Untermann, J. (editores). *Andalusien zwischen Vorgeschichte und Mittelalter*. Köln-Weimar-Wien. Böhlau, pp. 75-114. 1992.
- *El signario de Espanca (Castro Verde) y la escritura tartesia*. In: Untermann, J.; Villar, F. (eds). *Lengua y cultura en la Hispania prerromana*. Actas del V coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 1989). Salamanca. Universidad, pp. 521-562. 1993.
- *La epigrafía del Sudoeste: Estado de la cuestión*. In: Villar, F.; Encarnação, J. d' (eds). *La Hispania prerromana*. Actas del VI coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 1994). Salamanca, Universidad; Coimbra, Universidade, pp. 65-75. 1996.
- *La epigrafía del suroeste*. In: *Arqueologia Hoje I: Etno-arqueologia*. Faro, Univ. do Algarve, pp. 132-145. 1990.
- *El pueblo de las estelas: Un problema epigráfico-lingüístico*. In: *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural* (Curso de la U.I.M.P.P., 4/9-X-1993). Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 233-250. 1996.
- Correia, Virgílio-Hipólito. *Algumas considerações sobre os centros de poder na Proto-história do Sul de Portugal*. Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, pp. 699-714. 1999. Uma discussão competente dos contextos sociais da região e do período em questão.
- *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto. Editora Etnos. 1996.
- *Os povoados da Idade do Ferro do Sul de Portugal*. In: *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C*. Lisboa. Ministério da Cultura. pp. 82-87. 1996.
- *A escrita pré-romana do Sudoeste peninsular*. In: *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C.*, pp.88-94, 1996.
- Faria, António Marques de. *Uma inscrição em caracteres do Sudoeste achada em Mértola*. Revista Vipasca. Aljustrel. 3, 1994.
- Faria, António Marques de; Soares, António M. Monge. *Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)*. Revista Portuguesa de Arqueologia 1-1, 1998.
- Frankenstein, S. *Regional development in the first Millennium BC: The Phoenicians in Iberia*. In: Kristiansen, K. e Jensen, J. (editores). *Europe in the First Millennium B.C*. Sheffield Archaeological Monographs, 6, pp. 41-4. 1994.

- Guerra, Amílcar. *Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão*. Revista Portuguesa de Arqueologia, 5-2, 2002. Descreve a Estela de São Martinho, São Marcos da Serra.
- *A Escrita do Sudoeste*, In: *A Escrita das Escritas*, coordenação de L.M. Araújo. Lisboa. Museu das Comunicações. 2001.
- Gomes, Mário Varela. *Estela epigrafada e necrópole da Idade do Ferro, de Barradas, Benafim (Loulé)*. Revista Al-ulyā, 5, Loulé. Câmara Municipal de Loulé, 1996.
- Hertel, D.; Untermann, J., (editores). *Andalusien zwischen Vorgeschichte und Mittelalter*. Köln-Weimar-Wien. Böhlau. 1992.
- Hoz, Javier de. *El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional*. Tartessos, pp. 523-587. 1989.
- Hoz, Javier de. *El origen de la escritura del S.O.*, Actas del III Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas, 1985.
- Hoz, Javier de. *El origen oriental de las antiguas escrituras y el desarrollo de la escritura del Algarve*. In: *Estudos orientais, vol.1. Presenças orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao período romano*. Lisboa. Instituto Oriental. 1990.
- Lopez Castro, J. L. *La colonización fenicia en el Sur de la Península Ibérica. 100 años de investigación*. In *Actas del Seminário La colonización fenicia en el Sur de la Península Ibérica. 100 años de investigación*. Almeria, pp. 11-81. 1992.
- Navarro, António José Lopes. *A escrita pré-romana do Algarve e sudoeste: estudo e decifração*. 2.ª ed. Faro. Tipografia União. 1990.
- Naveh, J. *Early History of the Alphabet*. Jerusalém. The Magnes Press. 1982.
- Rocha, A. dos S. *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*. In: *Memórias e Explorações Arqueológicas. II*. Coimbra. Universidade de Coimbra. 1971.
- Rodríguez Ramos, Jesús. *La escritura ibérica meridional*. Zephyrus 55. pp. 231-245. 2002.
- *La lectura de las inscripciones sudlusitano-tartesias*. Faventia 22/1. pp. 21-48. 2000. Online em ddd.uab.es/pub/faventia/02107570v22n1p21.pdf
- *El Origen de la Escritura Sudlusitano-Tartesia y la Formación de Alfabetos a partir de Alefatos*. Rivista di Studi Fenici. pp. 187-222. vol. 30, 2, Consiglio Naz. delle Ricerche. Roma. 2002.



Fragmento de uma estela funerária, com Escrita do Sudoeste, proveniente de Vale dos Vermelhos, Algarve. A estela de Monte dos Vermelhos foi encontrada há mais de 100 anos num curral. Museu de Loulé, Algarve, Portugal. Foto: ph. / Foto oficial.

- Untermann, Jürgen. *Monumenta Linguarum Hispanicarum. IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden. Dr. Ludwig Reichert Verlag. 1997.
- *Monumenta Linguarum Hispanicarum. III: Die iberischen Inschriften aus Spanien*. Wiesbaden. Dr. Ludwig Reichert Verlag. 1990.
- Untermann, Jürgen. *Zum Stand der Deutung der 'tartessischen' Inschriften*. In: Eska, J. F. ; Gruffydd, R. G. e Jacobs, N. (Eds.) *Hispano-Gallo-Britonica. Essays in honour of Professor D. Ellis Evans*. Cardiff. University of Wales Press. 1995.

- Samuel Melro, Pedro Barros e Amílcar Guerra. *Projecto Estela: do museu para o território*. Revista Almadán online. n.º 16, 2008. Centro de Arqueologia de Almada. www.almadan.pt
- Sauren, Herbert; A. Sidarus. *As lápides de escrita ibérica do Museu Regional de Beja - Leitura e tradução*. Actas das III Jornadas, tomo I. Beja. 2005.
- *The Word in Punic and Iberian Inscriptions*. Boletín de la Asociación Española de Orientalistas. Madrid. 41, 2005. 279-286.
- *The Iberian inscriptions deciphered. Internal proves*. El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental (2003). CSIC, Instituto de Arqueología. Mérida. Anejos de Esp 35. 2005. 519-534.
- Schmoll, Ulrich. *Die südlusitanischen Inschriften*. Wiesbaden. 1961.
- Soares, A.M.M. *Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos*. Revista Vipasca, 5, pp. 103-116. Aljustrel. 1996.
- Tavares, A. A. (ed.) *Os fenícios no território português. Estudos Orientais*. Actas do colóquio Os fenícios no território português: estado da questão. Lisboa 1990. Lisboa. Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 4. 1993.
- Torres Ortiz, M. *La cronología absoluta europea y el inicio de la colonización fenicia en Occidente. Implicaciones cronológicas en Chipre y el próximo Oriente*. Complutum. Madrid: Universidad Complutense. 9. pp. 49-60. 1998.
- Tovar, A. *The ancient languages of Spain and Portugal*. Nova Iorque. 1961.
- Velaza, Javier. *Epigrafía y lengua ibéricas*. Barcelona. 1996.
- Wagner, C. *Balance de la investigación durante los ochenta sobre Tartesos y colonizaciones prerromanas en la Península Ibérica y estado actual de la cuestión*. In: *Tartesos y el periodo orientalizantes*. Hispania Antiqua, 17, pp. 419-434. 1993.
- *Santuarios, territorios y dependencia en la expansión fenicia arcaica en Occidente*. Antigüedad: Religiones y Sociedades (ARYS), 3, pp. 41-58. 2000.
- Wagner, C.; Alvar, J. *Fenicios en Occidente: La colonización agrícola*. Rivista di Studi Fenici. Roma. 17. 1. pp. 61-102. 1989.

Estátuas indígenas, inscrições latinas

Algumas estátuas de guerreiros, do Noroeste da Península Ibérica, testemunham a penetração cultural das populações indígenas pelos invasores romanos. A sociedade castreja, patriarcal, de competição agressiva, regia-se por uma hierarquia em que o guerreiro ocupava a posição mais importante. A presença de jóias e de armas nos túmulos revela-nos essa elite guerreira.

A organização das famílias revela-nos uma estrutura gentílica da sua sociedade – era referida nas fontes epigráficas com a designação de *gentes* ou *gentiliates*. Os Lusitanos viviam unidos entre si por laços de sangue ou parentesco e não pelo território ocupado. O tipo de governo era a chefia militar, na qual o líder era eleito em assembleia popular, escolhido os que se distinguiam pela coragem, valor, capacidade de liderança e vitórias obtidas em guerra.

Os autores gregos referiam-se a estes chefes militares como *hegoumenos*, isto é, líder, chefe, e os Romanos, *dux*. No entanto, o nome de *regnator* (rei), e príncipe, também foram referidos. O *hospitium*, em que se adoptavam estranhos na comunidade, seria também um costume dos Lusitanos. Apiano (95 — 165, autor da *História Romana*) revela-nos a existência de uma propriedade comunitária.

Guerreiros. Século I n.E.
As esculturas de guerreiros lusitano-galaicos constituem uma das manifestações

plásticas mais destacadas do mundo castrejo do Noroeste peninsular.

Dos 30 exemplares documentados, apenas quatro se reconhecem epigrafados: as estátuas de Meixedo (Viana do Castelo - na imagem à esquerda); de Santa Comba (Cabeceiras de Basto), de São Julião (Vila Verde) e de Rubiás (Ourense). A estátua de guerreiro mostrada à direita vem de Boticas, Vila Real.

No **Guerreiro de Meixedo**, o texto encontra-se dividido por três áreas: a primeira na parte frontal, sobre o saio e sob o escudo; a segunda desenvolve-se sobre o saio e sobre a perna direita; a terceira, sobre a perna esquerda.

Em cima: a leitura do texto, fortemente abreviado, é da autoria de Armando Redentor.

P(ublio)·Clodameo /
Corocaudi / f(ilio)·Seauco[n]i
L(ucius)·Sest/
ius·L(ucii)·l(ibertus)·Coroc/audius /
contu(bernalis) /
frater et Tubene(n)
s(es)·f(aciendum)·c(urauerunt)·



Letras sefarditas, 1

Arqueólogos da Universidade de Jena (Alemanha), encontraram em 2012 uma das mais antigas evidências da presença judaica na Península Ibérica, durante escavações perto de Silves, no Algarve. Numa placa de mármore, com 40 x 60 cm, podemos ler o nome *Yehiel*, seguido de letras ainda não decifradas. Os arqueólogos pensam ser uma lápide funerária (imagem em baixo). A datação do achado tem como base os restos zoológicos que estavam junto da inscrição. A matéria orgânica, datada por radiocarbono, aponta para cerca de 390 n.E. A mais antiga evidência arqueológica associada à cultura judaica no actual território português é também uma lápide com inscrição em latim e uma gravura de um menorá (candelabro com sete braços) datado de 482 n.E.



Em cima: Epitáfio da judia Isidora, escrito em versais romanas, em latim. Tarragona. Texto: (lulab) (menora) Hi(lulab)c est (menora) (lulab) / memoria bone(!) re/cordationis Isid/ora filia bene me/morii(!) Ionati et Ax/iaes(!) pauset ani/ma eius in pace cu/m omne(!) Israel(!) / [a]men amen amen. Século IV-V. Tarragona. Foto: ph.

Os testemunhos mais antigos são já de época romana avançada: uma lápide funerária encontrada em Adra e hoje perdida, provavelmente do século III, que procedia do enterro de uma garota judia, certamente escrava; e a famosa lápide de Tarragona, na qual se combinam inscrições em latim com símbolos judaicos.

Na descoberta de Silves não se trata apenas de uma data excepcional, mas também de um contexto invulgar. Nunca antes se detectaram evidências judaicas numa *villa* romana. Durante o Império romano, por volta da data da inscrição, os Judeus escreviam habitualmente em Latim, por receio de represálias. O Hebraico, tal como se encontra na laje, só passou a ser utilizado após o declínio da supremacia romana, respectivamente durante o período de migrações populacionais ocorridas durante o século VI ou VII.

Geralmente a informação relativa às comunidades judaicas na região do Sul de Portugal provem na sua maioria de escrituras. Durante o Concílio de Elvira, cerca de 300 n.E., foram decretadas regras repressivas da conduta dos Judeus. Na Península Ibérica, a população judaica já seria bastante numerosa – mas as evidências arqueológicas no território português continuam omissas. Já em Tarragona, por exemplo, foram encontrados vários testemunhos de uma comunidade judaica em época tardo-romana.

O alfabeto hebraico é utilizado para escrever o Hebraico, língua semítica pertencente à família das línguas afro-asiáticas. Este alfabeto, um dos mais antigos, é escrito da direita para a esquerda, assim como o alfabeto árabe.

O alfabeto hebraico só utiliza glifos para consoantes, pois as vogais são representadas por sinais diacríticos, chamados *nikud* ou *sinais massoréticos*. Por estas características, torna-se óbvia a sua descen-



dência dos sistemas de escrita arcaicos que também deram origem ao alfabeto fenício.

Depois da conquista da Judeia pelos Romanos (Jerusalém foi destruída em 70 n.E. pelo general Tito, pondo fim à Revolta Judaica), o Hebraico foi pouco usado como língua falada. Contudo, na diáspora, os Judeus que continuaram religiosos dedica-

Epitáfio hebraico, Museo Sefardi, Toledo. Século XI.

ram muito esforço à alfabetização, com o propósito de fazer os fiéis lerem os textos originais da Bíblia hebraica e das múltiplas obras religiosas e filosóficas que a acompanham.

As línguas/dialectos que os Judeus desenvolveram e adoptaram na diáspora, nomeadamente o ladino e o jidisch, não estão relacionadas com o hebraico. O Jidisch (falado na Europa Central e nos países do Leste) é um dialecto do alemão medieval que é expressão da cultura asquenazi (a dos Judeus da Europa Central e Oriental). A palavra *asquenazi* vem do termo hebraico medieval para designar a Alemanha: *Ashkenaz*.

Sefarditas (em hebraico *sefardi*; plural, *sefardim*) é o termo genérico que designa os Judeus que viveram em Portugal e Espanha. (*Sefarad* é a palavra hebraica que designa a Península Ibérica.) O *Ladino*, falado na Península Ibérica, baseado no Castelhana e no Português, com empréstimos do Árabe, foi o idioma dos Judeus sefarditas; ainda é falado por cerca de 150.000 pessoas em comunidades sefarditas em Israel, nos Balcãs, na Grécia, no Próximo Oriente e em Marrocos.

Orientada por um estilo próprio de ritual litúrgico, a cultura sefardita criou costumes e tradições culinárias, poéticas, musicais, da arte do livro, etc. Depois das seguintes páginas, com ilustrações referentes à cultura sefardita, esta temática continua mais tarde.



Em cima: Inscrição hebraica, Tarragona, Espanha. Foto: ph.

Epitáfio do rabi Abraham Satabi, fragmento de lápida de arenisca do século XIII, procedente da necrópole da Aljama de Soria. Pode tratar-se apenas da metade da lápida original. Os caracteres foram incisos muito profundamente, incluiu-se elementos decorativos curviformes, distintos em cada um dos lados; uma raridade entre os modelos conhecidos da epigrafia hebraica hispânica. Texto: «Naquele momento a visão cessou [...] / ao morrer um sábio, um homem [...] / [...] um rabi cheio de [...] / [...] Abraham Satabi». Procede do cemitério judeu de Soria, Espanha.



Fragmento de epitáfio em pedra caliça. (Puente Castro). Princípios do século XII. Museu de León. León. Foto: ph.

Epígrafe hebraica.
Museu de León. León,
Espanha. Foto: ph.

Fragmento de epígrafe hebraica.
Tarragona, Espanha.
Foto: ph.



Inscrição. Antiga Sinagoga de Belmonte.

Belmonte está localizado entre a Covilhã e a Guarda, aos pés da Serra da Estrela. No bairro da Judiaria, a primeira Sinagoga data de 1297, dela hoje resta apenas uma inscrição.

A Comunidade Judaica de Belmonte é uma comunidade peninsular herdeira da antiga presença histórica dos Judeus sefarditas.

Durante toda a época da Inquisição, conseguiu preservar muitos dos ritos, orações e relações sociais. Apesar da pressão para a diluição na sociedade católica portuguesa, muitos dos belmontenses cristãos-novos continuaram a casar-se apenas entre si durante séculos.

Em 1989 a Comunidade foi reconhecida oficialmente e em 1996 inaugurou a Sinagoga Beit Eliahu (Filho de Elias), precisamente numa das ruas da antiga judiaria.

Também o cemitério judaico foi aberto em 2001.

Desde 2005 está igualmente aberto ao público o Museu Judaico, que retrata a história da presença sefardita em Portugal, usos, costumes – e que integra um memorial sobre as vítimas da Inquisição.

Sinagoga de Belmonte, Rua Fonte Rosa,
6250-041 Belmonte, Portugal



Lápide na Sinagoga de Belmonte.

Devia ser sumptuosa – em termos da época medieval em que foi construída, a sinagoga situada na então Judiaria Grande de Lisboa, no ponto mais próximo da Igreja da Madalena, que ficava então frente à cerca da Judiaria. Talvez tivesse sido intencional a presença de um templo cristão, dedicado à judia arrependida Miriam de Migdal, junto ao bairro dos Judeus lisboetas.

A única descrição que temos da Sinagoga Grande de Lisboa foi deixada pelo médico alemão Jeronimus Münzer, que visitou a Espanha e Portugal em 1494, num itinerário escrito em latim. A tradução em espanhol, de Júlio Puyol (Boletim da Biblioteca da Real Academia de la Historia) reza assim: «El sábado, vigilia de San Andrés, visité su sinagoga. No había estado nunca en uno de estos templos. En un patio que hay delante de ella, crece una parra gigantesca, cuyo tronco mide cuatro palmos de circunferencia. El interior, arreglado con extremada pulcritud, tiene una cátedra o púlpito para predicar, por el estilo del de las mezquitas; ardían diez enormes candelabros con cincuenta o sesenta luces cada uno, además de otras muchas lámparas, y las mujeres colócanse en lugar separado del de los hombres, alumbrado, de igual modo, con profusión de luces.»

Que a sinagoga tinha pelo menos três naves, sabemos pelo inventário dos bens apreendidos a Isaac Abrabanel, quando este fugiu para Castela, por ter sido acusado de implicação na tentativa de subversão do Duque de Bragança:



Lápide da Grande Sinagoga de Lisboa, século XIV.

«hum lugar de sseda [cadeira, na interpretação de Elias Lipiner] na esnoga grande de Lisboa, na nave do meo em que see assentava Yuda Abrabanel seu padre».

Os Judeus pagavam à Comuna uma pensão anual pelos lugares reservados que mantinham na sinagoga. Mas tinham o direito de os transmitir por venda, ou por herança. Assim se explica que João II. se tenha apropriado dos três lugares pertencentes a Isaac Abrabanel, de um dos quais fez doação, em 1486, a Mousem Zarco, seu alfaiate. Em 1497, quando da conversão forçada dos

Judeus de Portugal, todas as sinagogas do reino passaram para a posse do rei.

Mais tarde, Manuel I. fez doação do edifício da Sinagoga grande de Lisboa aos frades da Ordem de Cristo, em troca do convento que estes mantinham no Restelo, onde viria a ser construído o Mosteiro dos Jerónimos. O edifício da sinagoga foi transformado pelos frades, devidamente autorizados pelo Papa, na Igreja da Conceição (Velha), que o Terramoto de 1755 destruiu totalmente.

בית יעקב לכוונתה באור לי: בטחו בו בכל
 לפני לבבכם אהים מחסה לנו סלה: פתו
 נוי עדיי שימד אמנים: רוממוני ייחב
 רגליו קדוש יהוה: יתאג על הללוהו כי
 כבודו ונורו ממנו כל זרע ישראל
 זנכדעה נבדכה לפני על עשני: באו ש
 חירותנו בתהלה קודרו יהוה: ב
 יהיכם קד שובכו את לי: אבנו בני יוה
 לבריאת שלם נשבעה בטוב ביתך

Letras quadradas hebraicas. Lápide
 comemorativa da Sinagoga de Girona,
 século XIV, encontrada em 1888.
 (Museu d'Història dels Jueus,
 Girona). Foto: Olybrius.

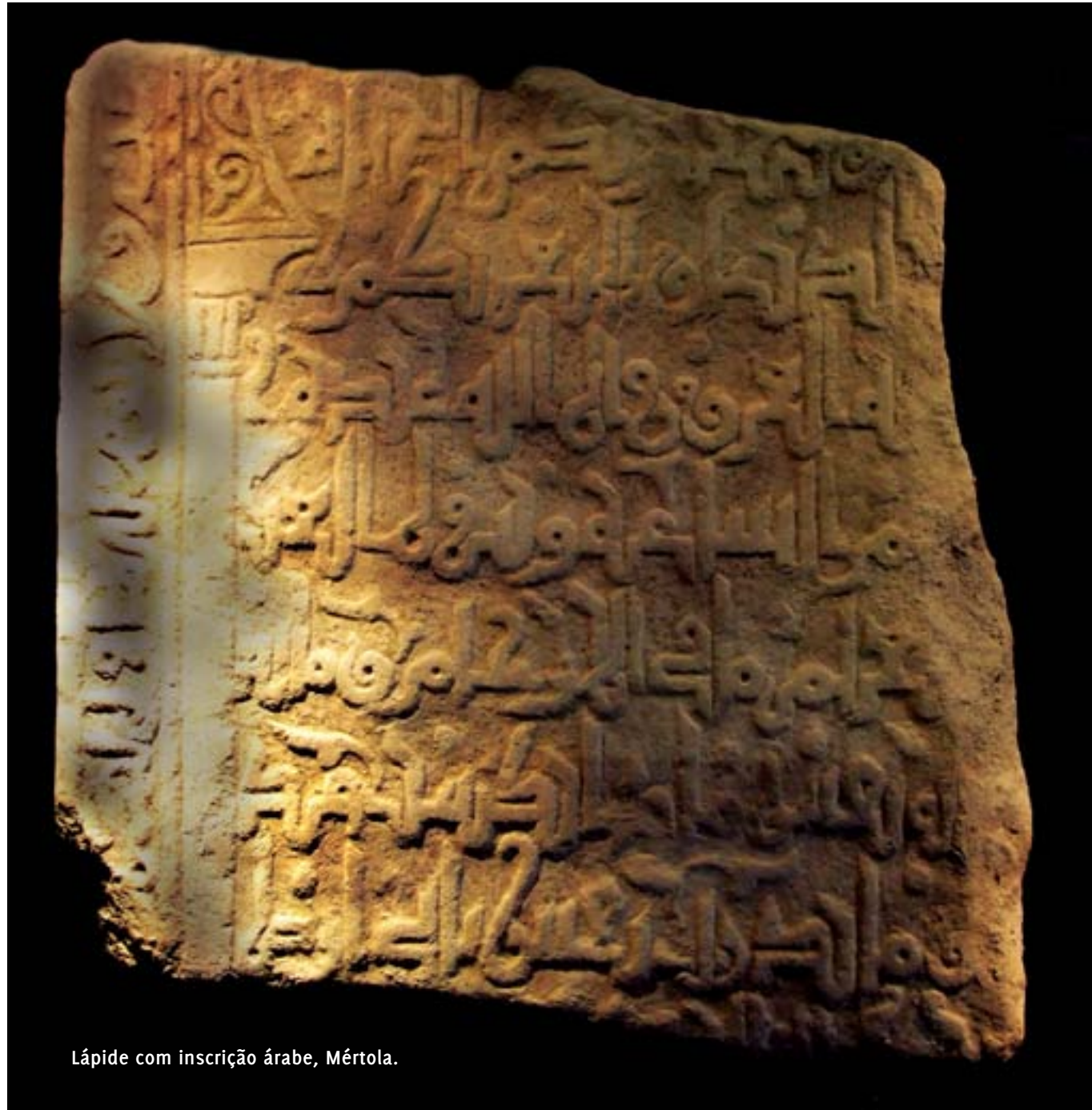


Árabe

Letras árabes

Considerando o longo tempo que durou o domínio islâmico do território que é hoje Portugal, é lastimável que se tenham conservado tão poucos testemunhos dessa cultura. Uma razão deve-se, sem dúvida, ao facto que os grandes centros de poder se encontram em Córdova, Medina al-Zahra, Granada, Toledo, Badajóz, Sevilha e outras cidades andaluzes. Em Portugal conhecemos vestígios em Lisboa e no Al-Gharb (Silves, Faro).

Os Árabes tinham grande apreço pela Caligrafia. Copiar um texto alcorânico era considerado um acto meritório de um Muçulmano pio. Os epitáfios que conhecemos continham frequentemente ao lado de dados pessoais do defunto, tais como o nome, filiação etc, a data do falecimento, e também trechos do Alcorão. Entre os monumentos de epigrafia árabe conhecidos em Portugal, existe no Museu de Faro uma lápide que serviu de pedra de ensaio a uma inscrição proveniente de Silves. A reforçar a hipótese apresentada pelo arabista americano A.R. Nykl, é o facto de ambas as lápides, tanto a lápide funerária E-6562 como a que lhe serviu de pedra de ensaio, nomeadamente a E-7417, são feitas em mármore do mesmo tipo, isto é, em mármore cinzento da região de Mértola.



Lápide com inscrição árabe, Mértola.